



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

KALLYGÊNESIS FILGUEIRAS DE SOUSA FERREIRA

**ANÁLISE DO CONTÍNUO FALA-ESCRITA NO APLICATIVO WHATSAPP**

João Pessoa - PB

2018

KALLYGÊNESIS FILGUEIRAS DE SOUSA FERREIRA

**ANÁLISE DO CONTÍNUO FALA-ESCRITA NO APLICATIVO WHATSAPP**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

**ORIENTADORA:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa

João Pessoa - PB

2018

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade Federal da Paraíba.

Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Ferreira, Kallygênesis Filgueiras de Sousa.

Análise do contínuo fala- escrita no aplicativo whatsapp /  
Kallygênesis Filgueiras de Sousa Ferreira. - João Pessoa, 2018.

71 f.:il.

Monografia (Graduação em Letras /Língua portuguesa) -  
Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e  
Artes.

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Data da Aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

#### BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa – DLCV - UFPB  
(Orientadora)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Mônica Mano Trindade – DLCV - UFPB  
(Examinadora)

---

Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena – DLEM - UFPB  
(Examinador)



Para meus pais, irmãos, avô, Rodrigo Oliveira  
de Souza e minha querida avó Belquice  
Filgueiras de Sousa (in memorian).

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ter me dado a vida, uma família estruturada, saúde e força para finalizar uma etapa acadêmica.

A minha amada e amiga mãe, Magnólia Filgueiras de Sousa Ferreira, que se dedica a mim desde meu nascimento, pacientemente me dá atenção, amor e apoio em todas as circunstâncias da minha vida.

Ao meu pai, Tiago Firmino Ferreira, que sempre contribuiu para o meu desenvolvimento intelectual revelando amor e gentileza na ação de preparar meu café da manhã todos os dias.

Ao meu avô, Antônio Ferreira de Sousa, por estar sempre ao meu lado disposto a me defender em todos os momentos.

A minha avó, Belquice Filgueiras de Sousa, que me ensinou a ser íntegra e honesta por meio dos ensinamentos bíblicos.

Aos meus irmãos, Wancley Filgueiras de Sousa Ferreira e Tiago Firmino Ferreira Júnior, por serem amorosos e me auxiliarem nas atividades cotidianas.

A minha amiga e irmã gêmea, Kallyandra Filgueiras Maia, por me ouvir pacientemente e com sabedoria me aconselhar nos momentos de decisão.

Ao meu cunhado e amigo, Adriano Maia Furtado, por ser prestativo e estar diariamente presente em minha vida demonstrando afeto e amizade.

A Rodrigo Oliveira de Souza, por me incentivar a prosseguir com os estudos acadêmicos, a lutar pelo meu sonho e me dar palavras de ânimo e de força para alcançar todos os meus ideais.

A minha estimada professora, Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa, pela assistência, atenção e paciência dada na elaboração deste trabalho.

O coração do entendido adquire o conhecimento, e o ouvido dos sábios busca a ciência. ( Provérbios 18. 15)

## **RESUMO**

Neste trabalho, analisamos, em linhas gerais, o contínuo fala-escrita no aplicativo WhatsApp, observando a linguagem utilizada por pessoas que nasceram e que não nasceram na era digital, isto é, examinar a linguagem usada pelos estudantes da turma “B” de 1º ano de uma escola estadual, em João Pessoa/PB, assim como a usada pela docente e pela estagiária da mesma escola. Os critérios metodológicos utilizados na pesquisa foram os alunos/participantes que mais interagiram em todas as conversações e os temas relacionados ao cotidiano escolar, este critério serviu também à escolha dos diálogos entre a docente e a estagiária. Para fundamentarmos nossa pesquisa, utilizamos como aporte teórico os seguintes autores: Dutra e Simões (2014), Koch e Elias (2009), Marcuschi (2001/2008), Reis (2013), Magnabosco (2009) e Komesu e Tenani (2009). Após procedermos à análise dos trechos dos diálogos, concluímos que, apesar de a escrita não ser representação da fala, é possível perceber as marcas da oralidade nos textos escritos neste aplicativo, assim como constatamos que o internetês é a linguagem predominante entre os estudantes, se comparado ao seu uso pela professora e pela estagiária.

**Palavras-chave:** Fala-Escrita. Internetês. Whatsapp.

## ABSTRACT

In this work, we analyze broadly the continuous speech-writing in the WhatsApp applicative, observing the language used by people who were born and who were not born in the digital age, for that, we examine the language used by the students of the first year "B" of a school in João Pessoa/PB, as well as that used by the teacher and the trainee of the same school. The methodological criteria used in the research were the students/participants who interacted most in all the conversations and the subjects related to the school routine, this criterion also served to choose the dialogues between the teacher and the trainee. In order to base our research, we use as theoretical contribution the following authors: Dutra and Simões (2014), Koch and Elias (2009), Marcuschi (2001/2008), Reis (2013), Magnabosco (2009) and Komesu and Tenani (2009). After analyzing the excerpts of the dialogues, we conclude that, although writing is not a representation of speech, it is possible to perceive the marks of orality in the texts written in this applicative, and we also found that “internetês” is the predominant language among students, if compared to their use by the teacher and the trainee.

**Keywords:** Speech-Writing. ‘Internetês’. Whatsapp.

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
1. LINGUAGEM NA ERA DIGITAL.....	12
1.1. Fala e Escrita.....	12
1.2. Gêneros textuais.....	16
1.2.1. Gêneros Digitais.....	19
1.2.1.1. Gêneros Digitais e Internetês.....	21
1.3. Whatsapp.....	24
2. CONVERSAS PELO WHATSAPP: que linguagem é utilizada?.....	28
2.1. Metodologia.....	28
2.2. Descrição e Análise dos Diálogos.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46
ANEXOS.....	47

## INTRODUÇÃO

Na atual conjuntura, observamos que o WhatsApp é um aplicativo que adentrou na vida da maioria dos seres humanos, pois já é parte integrante do cotidiano das pessoas não somente no Brasil, mas em 140 países, o que, consoante Reis (2013, p. 8), implica que mais de 350 milhões de indivíduos em todo o universo possuem o aplicativo (app) - programa que pode ser instalado no celular. Este aplicativo transformou a maneira de comunicação entre as pessoas, pois permite uma interação rápida e eficiente. Além desse benefício, o WhatsApp possibilita chamada de vídeo ao vivo, bem como a emissão e recepção de áudios, vídeos e emojis, que são figuras que representam o estado emocional dos usuários. Não foi apenas o ato comunicativo que o app modificou, mas também a linguagem, uma vez que, a língua é viva e se metamorfoseia de acordo com o contexto, e, conseqüentemente, terminou se adequando ao contexto digital do WhatsApp, propiciando, dessa forma, a criação da linguagem internetês. Neste cenário, o presente trabalho vem com a proposta de verificar o contínuo fala-escrita que se materializa nas relações comunicativas deste aplicativo.

O estudo sob essa perspectiva partiu da curiosidade de se examinar de forma científica a linguagem empregada no WhatsApp, devido a ouvir do senso comum (amigos que não têm conhecimento em linguística) que o internetês é a única linguagem utilizada no aplicativo. Além disso, entendemos ser importante realizar um contraponto da linguagem entre as pessoas que nasceram e que não nasceram na época digital, pois acreditamos haver uma distinção no uso linguístico de cada um desses grupos.

Para tanto, temos como objetivo geral: examinar o contínuo fala-escrita no aplicativo WhatsApp, com o propósito de constatar se o internetês é a única linguagem empregada pelos usuários que nasceram na era virtual, assim como os que não nasceram.

E para viabilizar o objetivo proposto, traçamos os seguintes objetivos específicos:

- Averiguar o quanto e como os adolescentes estão utilizando a linguagem internetês no ambiente virtual, especificamente, no WhatsApp, ou ainda se apresentam apenas a reprodução de aspectos da fala nos textos escritos no aplicativo;
- Verificar a linguagem que a docente e a estagiária utilizam no aplicativo, principalmente a professora pelo fato de não ter nascido na época digital;
- Comprovar por meio de estudo científico e linguístico que o internetês não é uma linguagem manuseada apenas pelos adolescentes;
- Mostrar por meio dos fragmentos dos diálogos as características que constituem o internetês.

Utilizamos como base teórica Dutra e Simões (2014); Koch e Elias (2009); Magnabosco (2009); Marcuschi (2001; 2008); Komesu e Tenani (2009); e Reis (2013).

Analisamos diálogos de estudantes, da professora e da estagiária de uma escola estadual

de João Pessoa-PB. Os estudantes participantes desta pesquisa possuem faixa etária entre 15 e 17 anos, a docente, 49 anos e a estagiária, 35 anos. As conversas foram selecionadas por temática, isto é, quando o assunto abordado estava relacionado às aulas, sendo assim, não levamos em conta as datas, contabilizando um total de 24 conversas entre os estudantes. Os diálogos examinados ocorreram do dia 11 de dezembro de 2017 até o dia 03 de janeiro de 2018. Os estudantes foram selecionados de acordo com sua frequência nas conversas, sendo observados, então, aqueles mais participativos. As 14 conversas entre a docente e a estagiária ocorreram do dia 29 de novembro de 2017 até o dia 24 de janeiro de 2018, delas escolhemos as que possuíam conteúdos focados em temas voltados ao ambiente escolar, sendo assim, examinamos apenas dois diálogos, que correspondem às datas: 10 de dezembro de 2017 e 27 de dezembro de 2017.

Para tornar a discussão mais didática, este trabalho está dividido em três capítulos, além dessa introdução. No capítulo teórico, são discutidos os conceitos de gêneros textuais, gêneros digitais, internetês, fala e escrita. O segundo capítulo descreve os aspectos metodológicos, ou seja, quantas conversas foram examinadas, o perfil dos usuários e a forma de coleta dos dados, bem como apresenta a análise da linguagem utilizada pelos estudantes, professora e estagiária. E, por fim, são apresentadas as considerações finais, em que são retomados os objetivos e os resultados das análises.



## **1 LINGUAGEM NA ERA DIGITAL**

O nosso foco de análise neste trabalho é o contínuo fala-escrita no aplicativo WhatsApp, especificamente a linguagem utilizada neste aplicativo. Antes, porém, para embasar a nossa análise, levantaremos algumas discussões sobre fala e escrita; gêneros, principalmente, os digitais; e o internetês, sendo, portanto, essa a função deste capítulo.

### **1.1 Fala e Escrita**

Fala e escrita são duas modalidades da língua realizadas por meio de textos, cujos propósitos comunicativos demandam a participação de interlocutores para ocorrer a interação, por isso, consideramos necessário conceituar texto antes de introduzirmos essas modalidades. De acordo com Koch e Elias (2009), texto é um acontecimento social com propósitos comunicativos, que aufere subsistência no processo interativo. A totalidade do texto é consequência de uma produção mútua entre as pessoas que interagem na conversação, sendo essa totalidade materializada em forma de texto falado e/ou escrito.

No texto escrito, o diálogo entre leitor e escritor não ocorre ao mesmo tempo, visto que o leitor não está presente no momento da produção textual, por isso, a interação é idealizada, já que o escritor leva em consideração o olhar do leitor, isto é, faz previsões sobre esse provável leitor.

Indo além dessa conceituação, Marcuschi (2001) acrescenta o contexto da sala de bate papo, em que a conversa escrita é produzida em tempo real, ou seja, o diálogo entre leitor e escritor ocorre ao mesmo tempo. Esse tipo de comunicação, conceituado como misto, apresenta características do texto escrito e do texto falado, havendo o entrecruzamento entre oralidade e escrita.

O texto falado é produzido de maneira distinta do escrito, pois surge no instante da comunicação. Além disso, “por estarem os interlocutores copresentes, ocorre uma interlocução ativa, que implica um processo de coautoria, refletido na materialidade linguística por marcas da produção verbal conjunta.” (KOCH E ELIAS, 2009, s/p). Sendo assim, acreditamos que o texto falado emerge com a interação dos interlocutores em tempo real, pois tanto o locutor quanto o interlocutor estão presentes no momento da produção do diálogo.

A autora (2009) esclarece ainda que a coprodução discursiva é manifestada em graus diferentes e que há situações em que os textos falados possuem grau de coprodução menor. Exemplificando essa assertiva, cita as situações formais como palestras, conferências, discursos públicos. Entretanto, “em textos mais informais, como a conversação face a face, a coprodução se manifesta em grau máximo” (s/p). Isto nos faz crer que o grau de manifestação da coprodução discursiva está diretamente relacionado à formalidade/informalidade e não às

modalidades da língua, ou seja, a fala e a escrita, pois é notório que em uma palestra (texto falado formal) ocorre pouca interferência dos interlocutores, contudo, em um texto escrito de humor (texto escrito informal), acontece, de fato, maior interação com o leitor.

Marcuschi (2001) constata que, a partir dos anos 80, surgiu equivocadamente uma dicotomia entre fala e escrita, em que a fala era considerada como uma modalidade primária, sem mérito nem reconhecimento, ou seja, o local da bagunça gramatical e do erro, enquanto a escrita era vista como detentora de poder e prestígio, isto é, imprescindível e que representa um nível elevado da representação de poder, desenvolvimento e educação. Koch e Elias (2009) também assegura que fala e escrita não são duas modalidades dicotômicas e reforça com as palavras de Marcuschi (1995, p. 13) que “As diferenças entre fala e escrita se dão dentro do continuum tipológico das práticas sociais e não na relação dicotômica de dois polos opostos”. Exemplos desse contínuo são os textos escritos que se assemelham à fala, como os bilhetes e das cartas familiares; e de textos falados que se aproximam da escrita formal, como as conferências, as palestras.

Complementando, Marcuschi (2001) afirma que já não se pode analisar de forma satisfatória as distinções e analogias entre a escrita e a fala sem levar em conta o compartilhamento de seus usos na vivência do dia a dia. E explica, ainda, que: o registro escrito não pode ser considerado como reprodução da fala, visto que a escrita não tem a capacidade de traduzir muitos aspectos presentes nos eventos orais, tais como a gestualidade, a locomoção corporal e dos olhos, a prosódia. Em oposição, a escrita expõe componentes peculiares inexistentes na fala, tais como a dimensão e variedade de letras, cores e formas, componentes da pintura. Escrita e oralidade são execuções e usos da língua com particularidades próprias, entretanto não são suficientemente contrárias para declarar que são dois sistemas da língua, tampouco uma oposição.

Assim, além de discutir a relação entre fala e escrita, também é preciso entender o que é oralidade. Segundo Marcuschi (2001, p. 25-26),

A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de usos [...].

A fala [...] caracteriza-se pelo uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, bem como os aspectos prosódicos, envolvendo, ainda, uma série de recursos expressivos de outra ordem, tal como a gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica.

A escrita seria um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracterizaria por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictórica e outros (situa-se no plano dos letramentos) [...].

O autor argumenta ainda sobre as tendências de observação da fala e da escrita: dicotômica, cultural, variacionista e sociointeracionista.

A primeira tendência, já discutida neste trabalho, aborda fala e escrita na perspectiva dicotômica estrita, tendo os aspectos formais, estruturais e semiológicos, isto é, o código, como representação da língua. É importante ressaltar que o ensino de regras gramaticais nas escolas até hoje advém dessa perspectiva, que separa a língua e o uso. Além disso, “esta visão, de caráter estritamente formal, embora dê bons resultados na descrição estritamente empírica, manifesta enorme insensibilidade para os fenômenos dialógicos e discursivos” (MARCUSCHI, 2001, p. 28).

A segunda tendência, de caráter culturalista, trata a língua em dois viéses: cultura oral e cultura letrada. Na cultura oral, a língua é representada como raciocínio real, pensamento hábil, exercício rústico, sistema litúrgico e aperfeiçoamento da prática, enquanto na cultura letrada, a língua é vista como um raciocínio impalpável, pensamento coerente, exercício de técnica, permanente novidade e minuciosa. Essas são as características fundamentais dessa tendência, entretanto o foco dessa perspectiva culturalista é a contribuição que a escrita trouxe para a sociedade, assim como as transformações ocorridas na sociedade após a introdução da escrita. Dos imensuráveis benefícios que a escrita trouxe para a sociedade, o linguista alude os seguintes:

Foi a escrita que permitiu tornar a língua um objeto de estudo sistemático. Com a escrita criaram-se novas formas de expressão e deu-se o surgimento das formas literárias. Com a escrita surgiu a institucionalização rigorosa formal da língua como objetivo básico de toda formação individual para enfrentar as demandas das sociedades ditas letradas. (MARCUSCHI, 2001, p. 29)

Apesar dos pontos positivos da introdução da escrita para sociedade, Gnerre (1985 apud. MARCUSCHI, 2001) alega alguns problemas decorrentes dessa introdução que termina gerando uma supervalorização da escrita, como etnocentrismo. A escrita passa a ser tida como sinônimo de alfabetização, isto é, com a inserção da escrita toda a sociedade seria imediatamente alfabetizada, essa sentença não é verdadeira, pois as maneiras de pensamento das esferas categorizadas como analfabetos não são totalmente contraditórias as do nível considerados como alfabetizados, visto que o letramento permeia toda a sociedade independente da escolarização formal.

Gnerre (1985 apud. MARCUSCHI, 2001, p. 30) reforça que, em uma sociedade, cujo desenvolvimento é desigual, tanto a cultura com escrita como os povos que dominam a escrita são prestigiados, visto que são considerados superiores devido à valorização demasiada da escrita, especialmente a escrita alfabética.

A terceira tendência é a variacionista, que se distingue das citadas anteriormente, pois as modalidades da língua (fala e escrita) não são vistas como opostas, tampouco a atividade escrita é considerada sinônima de língua padrão, como prega a dicotomia estrita. A variacionista examina as características peculiares da fala e da escrita em contextos educacionais, isto é,

estuda as variações padrão e não-padrão que ocorrem tanto na fala como na escrita em contexto de ensino formal. Essa ideia é respaldada por Stubbs (1896 apud MARCUSCHI, 2001) ao propor que é possível enxergar a correlação entre escrita e fala, no cenário educativo, como uma problemática de variação da língua. Ressaltando essa concepção, o autor afirma que, nesta tendência, o fato notório é que não se fez diferença entre escrita e fala, entretanto a percepção das variadas e diferentes línguas. Essas variações distintas da língua, para Marcuschi (2001, p. 31), representam “língua padrão e língua não padrão, língua culta e língua coloquial, norma padrão e normas não-padrão, caracterizando, assim, as distinções existentes entre fala e escrita, porém não (as considerando) separadas”.

Por fim, temos a quarta perspectiva, a sociointeracionista, que, segundo Marcuschi (2001), tem como foco o diálogo, o fenômeno interativo e dinâmico, isto é, a interação entre fala e escrita. Além disso, opera na formação de significações no exercício do texto e do discurso. Essa tendência segue a mesma linha de compreensão da tendência variacionista, pois expressa que fala e escrita não são modalidades da língua contraditórias, mas modalidades inseridas em um continuum. Pois, segundo Marcuschi (2001, p. 34), a correlação que existe entre a fala e a escrita não é tão clara e simples como demonstra ser, pois ambas manifestam uma incessante atividade baseada no contínuo que se evidencia entre essas duas modalidades linguísticas. Assim sendo, não é aceitável unir bifurcações estanques e estritas. Essa visão entre fala e escrita como contínuo tem como fundamentação a dialogicidade, usos estratégicos, funções interacionais, envolvimento, negociação, situacionalidade, coerência e dinamicidade.

Para concluir, Marcuschi (2001, p. 42) ressalta que “tanto fala como escrita apresentam um continuum de variações, ou seja, tanto a fala como a escrita variam. Assim, a comparação deve tomar como critério básico de análise uma relação fundada no continuum dos gêneros textuais para evitar as dicotomias estritas”. Traz como exemplificação deste continuum dos gêneros textuais, os meios de produção e as concepções discursivas de quatro gêneros: conversação espontânea, artigo científico, notícia de TV e entrevista publicada na Revista Veja. A conversação espontânea e o artigo científico são considerados prototípicos porque retratam respectivamente meio de produção sonoro e concepção discursiva oral, e meio de concepção gráfico e concepção discursiva escrita, respectivamente. Já a notícia de TV e a entrevista publicada na revista Veja são consideradas como mistas porque apresentam respectivamente meio de produção sonoro e concepção discursiva escrita, e meio de produção gráfico e concepção discursiva oral. Assim sendo, a língua “se manifesta em situações de uso concreto como texto e discurso” (MARCUSCHI, 2001, p. 43), reforçando, assim, que a relação entre fala e escrita precisa ser analisada na perspectiva do uso e não de sistema.

## 1.2 Gêneros Textuais

O gênero textual é um tema bastante discutido na atual conjuntura, entretanto o estudo dessa temática não é recente, pois era examinada desde a época de Platão. Há anos, a concepção de gênero estava vinculada somente aos estudos literários, contudo, nos dias atuais, o gênero tanto pode ter inspirações literárias como não, pois é utilizado para fazer referência a uma classe específica de enunciado de qualquer tipo, escrito ou falado (SWALES, 1990 apud. MARCUSCHI, 2008).

O termo “gênero” possui uma nova visão, pois a investigação desse assunto ocorre em diversas áreas do conhecimento como: “Teóricos da literatura, retóricos, sociólogos, cientistas da cognição, tradutores, linguistas da computação, analistas do discurso, especialistas no Ensino de Inglês para Fins Específicos e professores de língua” (MARCUSCHI, 2008, p. 149).

Miller (1984 apud. MARCUSCHI, 2008) acredita que os gêneros estão entrelaçados com a sociedade, visto que são uma maneira de atividade sociável. Eles são uma produção instrutiva relevante como elemento constituinte da base comunicativa de nossa sociedade. Complementando essa afirmação, Marcuschi (2008) crê que os gêneros textuais não são iguais em todos os países, isto é, modificam-se de cultura para cultura, visto que eles surgem com a sociedade e com os costumes e simultaneamente são parte integrante dessa sociedade bem como arrumam os costumes. Além disso, os gêneros podem ser examinados em diversos setores, pois ele é caracterizado como uma área interdisciplinar que prioriza tanto a linguagem em uso como os exercícios sociáveis e culturais.

Dessa forma, não se deve conceber o gênero como estrutura inflexível, mas como materialização de cultura e de conhecimento através de linguagem. Assim, somos induzidos a enxergar os gêneros como artefatos criativos, cuja limitação e delineamento se tornam espontâneos (MILLER, 1984 apud. MARCUSCHI, 2008).

Em consonância, Bronckart (2001 apud. MARCUSCHI, 2008, p.156) reforça que os gêneros possuem sua identificação e são prestigiados, pois não podem ser escolhidos de forma aleatória tampouco completamente livre em vários aspectos: ambiente temático, nível de formalidade ou vocabulário. Os gêneros estabelecem limites aos seres humanos no momento de trabalhar com a escrita. Essa dupla característica dos gêneros, isto é, impor limitações e uniformizações, bem como permitir a escolha, a variedade, a criatividade, o estilo leva o escritor Amy J. Devitt (1997) a identificar o gênero como uma linguagem modelo.

Sendo assim, gênero textual pode ser definido como:

os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na

integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante. Como tal, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155)

É notória a existência, em nosso cotidiano, da variedade dos gêneros textuais supramencionados visto que essa variação decorre da dinamização e flexibilidade dos gêneros produzirem novos gêneros, isto é, os gêneros se interligam e adentram para formarem novos gêneros, entretanto essa variabilidade dificulta tanto a classificação dos gêneros como a contagem. Mesmo a categorização dos gêneros não sendo tarefa fácil, o autor explicita a classificação de Maingueneu (2004 apud. MARCUSCHI, 2008, p. 160), que propõe três categorias: gêneros autorais, gêneros rotineiros e gêneros conversacionais.

Gêneros autorais: são todos os textos que mantêm um caráter de autoria pelos traços de estilos, caráter pessoal e se situam em especial na literatura, jornalismo, política, religião, filosofia, etc. Gêneros rotineiros: são os comuns de nosso dia a dia, tal como aqueles que se realizam em entrevistas radiofônicas, televisivas, jornalísticas, consultas médicas, debates etc. Seus papéis são fixados a priori e não mudam muito de situação para situação e neles as marcas autorais se manifestam menos. Têm uma estabilidade institucional bastante definida. Gêneros conversacionais: são os gêneros de menor estabilidade e sem uma organização temática previsível como as conversações. Em seu conjunto, são de difícil distinção e divisão como gêneros em categorias bem definidas.

Maingueneu (2004) retoma a classificação mencionada e a altera, reconhecendo que “o próprio termo “rotineiro” não parece adequado, já que daria a impressão de que as conversações não seriam rotineiras quando elas são muito comuns” (MARCUSCHI, 2008, p. 160). Sendo assim, os classificou em: regime de gêneros conversacionais e regime de gêneros instituídos, estes incluem os gêneros autorais e rotineiros.

É importante ressaltar que os gêneros estão enlaçados ao uso comunicativo, à sociedade e ao discurso, pois

...são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder. Pode-se, pois, dizer que os gêneros textuais são nossa forma de inserção, ação e controle social no dia a dia. Toda e qualquer atividade discursiva se dá em algum gênero que não é decidido ad hoc, como já lembrava Bakhtin

([1953] 1979) em seu célebre ensaio sobre os gêneros do discurso. Daí também a imensa pluralidade de gêneros e seu caráter essencialmente sócio-histórico. Os gêneros são também necessários para a interlocução humana. (MARCUSCHI, 2008, p. 161)

Nesse sentido, o autor esclarece que a atividade comunicativa é moldada pelo gênero e, ao mesmo tempo, os gêneros são desenvolvidos pela necessidade da sociedade, como reforça no seguinte fragmento: as sociedades predominadas especificamente pela oralidade desenvolvem alguns gêneros que não se encontram nas sociedades exclusivas das escritas tampouco nas que são introduzidas pela evolução da tecnologia. Devido a isto, alguns gêneros com os lamentos das carpideiras, os cantos medicinais dos pajés, os cantos de guerra indígenas, ou as benzeções das rezadeiras são meio estranhos aos cidadãos que moram em cidades maiores. Da mesma forma que os hábitos culturais diários que emergem nas sociedades pressupõem gêneros que são característicos dessas sociedades, a exemplo de uma bula de remédio ou de um jornal.

Assim, é importante reforçar que, como existe um contínuo entre a escrita e a fala, também há um contínuo nos gêneros textuais, enquanto maneira de atuação das atividades da sociedade. Assim sendo, inferimos que os gêneros nas formas textuais orais e escritas possuem características comuns e distintas entre si, mas esse fato não os coloca em uma relação dicotômica.

Explicita, ainda, a fusão dos gêneros na relação fala-escrita por meio de um gráfico em que relaciona o meio e a concepção dos gêneros, isto é, o meio (sonoro ou gráfico) representa o modo de recepção e a concepção (oral ou escrita) representa as condições de produção. Nesse sentido, o autor distribui diversos gêneros em um contínuo da relação fala-escrita e apresenta também os gêneros mistos ou híbridos, que “são de difícil localização em uma ou outra modalidade de maneira muito clara” (MARCUSCHI, 2008, p. 197), a exemplo de anúncios classificados, comunicados, avisos, convocações, noticiário de rádio e noticiário de TV.

### 1.2.1 Gêneros Digitais

É notório o surgimento de novos gêneros bem como sua evolução com a modernização, isto é, nos dias de hoje abundam gêneros novos com as inovações tecnológicas, principalmente nos meios midiáticos digitais, como afirma Marcuschi (2008, p. 198). Nesse sentido, Dutra e Simões (2014) mencionam que a acessibilidade aos gêneros digitais tem expandido de forma exorbitante com a generalização da internet. Examinar os gêneros na perspectiva digital é relevante porque a evolução dos gêneros tem sido agilizada de forma extraordinária com a interação online, bem como promove uma comunicação intensamente recíproca.

Além das contribuições mencionadas acima, observamos que a internet contribuiu para uma maior facilidade de acesso à leitura, pois é possível ter acesso a temáticas diversificadas em

um mesmo ambiente virtual, ou seja, textos relacionados aos conteúdos abordados no contexto escolar, no contexto acadêmico e textos diversos que atraem nosso interesse. Além disso, há uma diversidade de meios pelos quais podemos ler, como a tela do computador, do celular, do tablet ou na tela de outro aparelho que possibilite o meio digital. No entanto, apesar de a internet ter contribuído para um maior acesso à leitura, não podemos afirmar que essa leitura seja de qualidade, visto que as leituras no meio digital são fragmentadas (muitos fragmentos das informações são expostos na tela ao mesmo tempo), assim sendo os leitores muitas vezes não tem acesso aos textos na íntegra, ou ainda, terminaram por se acostumar a essa leitura fragmentada.

Ainda segundo as autoras, outra característica evidente é que as pessoas precisam, em muitos casos, escrever mais devido à internet:

Assim como lemos, escrevemos também: escrevemos para preencher cadastros para solicitar documentos (RG, passaporte, carteira de habilitação etc.), para fazer compras *on line*; escrevemos para fazer uma reclamação e exigir nossos direitos de consumidor; escrevemos para postar conteúdos em um blog; escrevemos para nos comunicar com outras pessoas nos portais (*sites*) de relacionamento etc. A escrita, assim, passa a fazer parte da vida das pessoas, do cotidiano de nossos alunos. Eles escrevem na vida, para a vida em sociedade, que exige o domínio dessa habilidade. Não se pode mais viver à margem da cultura letrada e da cultura digital, e essas duas coisas andam cada vez mais juntas, o que faz com que nossos alunos percebam a necessidade e a urgência de se dominar o código escrito- leitura e escrita. (DUTRA; SIMÕES, 2014, p. 137)

Esse leque de opções para a leitura e a escrita que o contexto digital proporciona à sociedade nos leva a inferir que, assim como há variados tipos de leituras e diversificadas maneiras de escrita, há várias formas de comunicação. Nessa linha ideológica, Marcuschi (2008) defende que o diálogo permeado pelo computador abarca todas as formas de interação, bem como os gêneros que surgem nessas circunstâncias. Crystal (2001 apud. MARCUSCHI, 2008, p. 199) levanta as seguintes observações em relação à função da linguagem na internet e às consequências da internet na linguagem:

- (1) do ponto de vista da linguagem, temos uma pontuação minimalista, uma ortografia um tanto bizarra, abundância de abreviaturas nada convencionais, estruturas frasais pouco ortodoxas e uma escrita semianalfabética;
- (2) do ponto de vista da natureza enunciativa dessa linguagem, integram-se mais semioses do que usualmente, tendo em vista a natureza do meio;
- (3) do ponto de vista dos gêneros realizados, a internet transmuta de maneira bastante radical gêneros existentes e desenvolve alguns realmente novos. Contudo, um fato é incontestável: a internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Na internet a escrita continua essencial.



Diante desses aspectos, Marcuschi (2008, p. 199) infere que a linguagem escrita no ambiente virtual está em processo de organização, “o discurso eletrônico ainda se acha em estado meio selvagem e indomado sob o ponto de vista linguístico e organizacional”. Assim sendo, sugere levar em consideração quatro características dos gêneros digitais:

- (1) são gêneros em franco desenvolvimento e fase de fixação com uso cada vez mais generalizado;
- (2) apresentam peculiaridades formais próprias, não obstante terem contrapartes em gêneros prévios;
- (3) oferecem a possibilidade de se rever alguns conceitos tradicionais a respeito da textualidade;
- (4) mudam sensivelmente nossa relação com a oralidade e a escrita, o que nos obriga a repensá-la. (MARCUSCHI, 2008, p. 200).

A maioria das pessoas é conhecedora dos gêneros emergentes no contexto digital, pois utiliza diariamente alguns, como: e-mail, chat aberto ou reservado, videoconferência, aula chat dentre outros. “Entre os mais praticados estão os e-mails, os chats em todas as modalidades, listas de discussão e weblogs (diários). Hoje começam a se popularizar também as aulas de chat e por e-mail no ensino a distancia” (MARCUSCHI, 2008, p. 202). E em todos os gêneros mencionados acima, a interação ocorre na modalidade escrita, tendendo a ser informal, pois há uma menor exigência e monitoramento devido ao fato do meio ser fluido e o tempo acelerado.

Como já explicitado, essa relação fala e escrita também permeia os gêneros digitais, já que há uma interrupção entre alguns gêneros clássicos na escrita e na fala em que dispõem de transmissores como: a comunicação assíncrona e a comunicação síncrona, isto é, a interação que não ocorre em tempo real tida como escrita desatualizada no tempo, opõe-se a interação que ocorre em tempo real, ou seja, diálogo face a face. Além disso, há também a característica da interação grupal em que a comunicação é possível de muitos para muitos, de muitos para um e de um para muitos, bem como a interação bilateral, isto é, de um para um.

Marcuschi (2008) amplia a observação aos gêneros digitais, explicitando que a utilização da rede (www) em todos os seus aspectos e gêneros envolvidos, está numa trama que consente imensa pluralidade de práticas em situações informais, formais, relações interativas e construção assíncrona ou síncrona. Embora a rede (www) permita essa diversidade de concretudes em relação aos aspectos mencionados, “há uma ordem muito clara entre eles e sua distribuição se dá de forma não aleatória e sua produção obedece a critérios bastantes rigorosos” (MARCUSCHI, 2008, p. 206). Por isso, é possível atribuir à internet e, conseqüentemente, aos gêneros digitais o surgimento de uma nova forma de linguagem.

#### 1.2.1.1 Gêneros Digitais e Internetês

Na atual conjuntura, a linguagem internetês pode ser considerada a linguagem da

“moda”, pois está bastante em evidência por ser a língua utilizada pelos adolescentes em chats, nas redes sociais, como o facebook, o messenger, e, principalmente, o aplicativo WhatsApp. Xavier (2002 apud. MAGNABOSCO, 2009) esclarece que o meio digital é um ambiente que permite o usuário utilizar a escrita como se estivesse falando, pois a interação entre os interlocutores é interferida pela linguagem usada no computador. Reforçando essa ideia podemos dizer que é observável a presença de registros informais, assertivas curtas, repetição de vogais, entre outros na escrita de pessoas que usam o universo digital, ou seja, são perceptíveis características peculiares da fala na escrita.

Nesse sentido, Komesu e Tenani (2009, p. 624) conceituam a linguagem internetês como “forma grafolinguística que se difundiu em textos como chats, blogs e demais redes sociais”. E mencionam a concepção de vários escritores acerca da linguagem internetês:

Ataliba de Castilho, por exemplo, em entrevista à Revista Língua Portuguesa, expõe que o internetês seria “parte da metamorfose natural da língua” (apud MARCONATO, 2006). De acordo com o autor, há “redução de excessos da ortografia” na linguagem empregada na internet, uma vez que toda palavra é contextualizada pelo falante no evento de comunicação (apud MARCONATO, 2006). Bagno (apud VOLPATO, 2007), por sua vez, em entrevista à Revista da Cultura, acredita que o internetês é “questão de grafia”. Para o sociolinguista, trata-se de um fenômeno que deve ser observado na complexidade das transformações sociais, culturais e tecnológicas (BAGNO apud VOLPATO, 2007). Araújo (2007) argumenta que o internetês “vai muito além de simples ocorrências vocabulares estranhas”, caracterizando o que defende ser “um registro de uso da escrita”, “uma variedade linguística, no sentido sociolinguístico do termo”. Para Araújo, o internetês é uma “modificação criativa na escrita da língua em ambiente digital, cujas características apontam para uma linguagem alfanumérica” (ARAÚJO, 2007, p.28). (KOMESU e TENANI, 2009, p. 625).

Observam, com base nos conceitos citados, que não levam em consideração somente a matéria da língua, mas também o vínculo exterior que envolve à língua na ativa sócio-histórica da ligação entre as vigentes tecnologias de interação/informação, linguagem e sujeito.

Ainda sobre o internetês, Magnabosco (2009, p. 52) acrescenta que essa linguagem usada nos chats, no WhatsApp, enfim na internet, é identificada como híbrida porque une escrita e oralidade numa mesma base, isto é, o painel do computador e num mesmo fenômeno interativo e social em que alcança outros formatos de sentidos como a imagem e o som. Além disso, os textos são escritos com novos formatos sendo transpassado pela oralidade.

Reforça sua discussão com a afirmação de Sousa (2001, p.33):

Ela é escrita por valer-se de grafemas e ser passível de registro e armazenamento, possuindo potencialmente a permanência que caracteriza toda comunicação escrita. Ao mesmo tempo, ela aproxima-se do discurso oral por suas possibilidades quanto à interatividade, por nela podermos

identificar traços de organização de troca de turnos, pelo discurso ser construído conjuntamente e localmente pelos interagentes, e por ele ter sua forma influenciada pela pressão do tempo, tal como acontece na conversação. Ela assemelha-se à conversação, também, por recorrer, ainda que semioticamente, à contextualização paralinguística, por seus usuários parecerem necessitar tão insistentemente transportar para a tela do computador suas risadas, tons de voz e expressões faciais.

Tanto Magnabosco (2009) quanto Komesu e Tenani (2009) constatarem que a escrita do internetês é distinta da linguagem padrão. Pereira e Moura (2006 apud. MAGNABOSCO, 2009) reforçam que os discursos construídos nas salas de bate-papo, no messenger, no WhatsApp que utilizam o internetês são assertivas peculiares de usuários que pertencem a uma categoria específica (adolescentes da modernidade) e meditam as condições peculiares e os objetivos dessa categoria, tanto pelas temáticas que atrai esse público quanto pelo tipo de linguagem adotado (léxico, gramatical e fraseológico) e, especialmente, pela produção de um código escrito com intervenção do computador, formado por caracteres semióticos, logográficos e alfabéticos. Complementa que esses são procedimentos para transformar o enunciado atrativo e preservar o contato e que:

Para essas autoras, os interlocutores, pela natureza da relação e pelas condições de produção desse meio de comunicação, abrem mão de uma escrita rebuscada e formal – tida como inadequada para veicular os sentidos específicos da interação que pretendem –, para se revestirem de características linguístico-discursivo-processuais específicas, produzindo um novo estilo de língua, que indicaria um novo gênero discursivo: a conversação nas salas de bate-papo. E, para elas, fazem isso justamente por conhecer essa escrita formal, além da competência pragmática que possuem para distinguir o que pode ou não ser dito (*etiquetas netidianas*) e as formas aceitáveis de dizer pela comunidade usuária. (MAGNABOSCO, 2009, p.53)

A autora afirma que autores como Possenti (2006), Freitag, Fonseca e Silva (2006), Castilho (apud MARCONATO, 2006), Pereira e Moura (2006) acreditam que a linguagem internetês é definida como um código, este mantido em segredo pelo corpo social contemporâneo e jovem, com aspectos que já ocorreram na língua formal, em outros momentos históricos como as abreviações no Português medieval, sendo compreendida como parte da transformação espontânea da língua. Esses autores acreditam que os internautas apresentam maior competência em relação à escrita por utilizar a linguagem de duas formas: a internetês e a padrão num mesmo suporte, ou seja, o computador.

É possível inferir, portanto, que os adeptos da linguagem internetês não são cidadãos desconhecedores da norma padrão, pelo contrário, são sabedores das variadas formas de linguagem e que esta deve ser utilizada em acordo com a necessidade de cada contexto. Dessa maneira, esses autores consideram que a linguagem internetês não possui valor pejorativo.

Contrapondo-se a essa leitura, Magnabosco (2009, p. 53) cita Martins (apud. MARCONATO, 2006) e Nogueira (apud. GUTIERREZ-GONZALEZ, 2007) que defendem que o *internetês* é prejudicial ao ensino de língua, especificamente, de Língua Portuguesa, devido ao aprendizado da escrita estar condicionado à memória visual. Aliando-se a esse raciocínio, a escritora destaca que os jovens em formação são prejudicados com as diversas formas de escrita, pois tendem a incerteza e vícios ortográficos. Desse modo, Magnabosco (2009, p. 54) conclui que o uso do *internetês* pode tornar a leitura incompreensível, pois essa linguagem requer que os participantes dominem esse novo “dialeto” para que haja compreensão da expressão que se pretende exteriorizar. Dizemos que é a linguagem dos adolescentes por serem os usuários que a utilizam com mais frequência, porém isso não quer dizer que os demais usuários não usem o *internetês*, pelo contrário, esse “dialeto” permeia todas as idades. A utilização dessa linguagem se dá de forma tão demasiada entre os adolescentes que os professores observam essa língua nas produções textuais tradicionais. Sendo assim, o interessante é trabalhar com a variedade linguística em sala de aula, mostrando aos estudantes como se deve utilizar de maneira adequada essa linguagem nas variadas situações dialógicas.

Assim, “o banimento da acentuação gráfica, o acréscimo ou a repetição de vogais, as modificações do registro gráfico padrão, com troca ou com omissão de letras, são alguns dos traços que podem ser observados na ortografia” (KOMESU e TENANI, 2009, p. 624). Traços esses que são considerados por alguns, como forma de adaptação ao novo gênero e por outros, como uma forma grave de transgressão ao padrão da língua.

### 1.3 WhatsApp

O mundo digital modificou o formato de comunicação das pessoas e um dos responsáveis por tal mudança é o WhatsApp, pois este aplicativo possibilita a permuta de mensagens textuais (REIS, 2013, p. 8). Entretanto, o envio e recebimento de mensagens textuais não é novidade, pois as SMS, conhecidas como mensagens de textos de celulares, completaram 20 anos de existência em 2012.

A novidade que o aplicativo traz é a nova forma comunicativa, pois o WhatsApp messenger possibilita, gratuitamente, a troca de mensagens quase no mesmo instante, isto é, “o processo de escrita e recepção acontece quase em simultâneo” (TEIXEIRA, 2003 apud. REIS, 2013, p.8), bem como “em qualquer lugar e momento, podem ser enviadas e respondidas” (SANTOS, 2012 apud REIS, 2013, p.8). Além disso, o aplicativo viabiliza outras utilidades como: grupos de conversas, envio de imagens, vídeos e áudios. Nessa perspectiva, Reis (2013, p.11) conceitua o WhatsApp Messenger segundo o site oficial do aplicativo:

um aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens

pelo celular. (...) Não há custo para enviar mensagens e ficar em contato com seus amigos. Além das mensagens básicas, os usuários do WhatsApp podem criar grupos, enviar (...) imagens, vídeos, local, contatos e áudio.

E ainda, segundo a autora (2013), na atual conjuntura, o aplicativo de celular mais interessante para os brasileiros é o WhatsApp, que ganhou popularização em 140 países. Além desses dados, a autora aponta que mais de 350 milhões de pessoas em todo o universo possuem o aplicativo WhatsApp. Nesse cenário, observamos diariamente que as pessoas de forma espontânea questionam primeiramente se os usuários possuem o app para posteriormente solicitar o número telefônico. Este questionamento é natural nos dias de hoje, pois é possível perceber que as pessoas, em geral, preferem se comunicar por meio do WhatsApp, pois este aplicativo promove um diálogo rápido e eficiente, isto é, mesmo que o receptor da mensagem não a visualize no momento quase simultâneo de sua produção, a mensagem é entregue. Essa fica registrada no celular do receptor, podendo ser lida e respondida a qualquer instante. Além disso, o aplicativo possui vários recursos como “emojis”, “duplo tique”, “visto pela última vez”, “on line”. Os emojis são os mais importantes no momento da conversação, pois “são imagens com cara de desenho animado”. A respeito disso, Reis (2013, p. 13) relata que em 1995 os emojis foram produzidos para os jovens japoneses, pois estes utilizavam e-mails e SMS com frequência, entretanto em 2011 os emojis se popularizam nos Estados Unidos e a Apple introduziu os símbolos em seu sistema operacional. A maioria dos emojis está relacionada à cultura do Japão porque a finalidade era chamar atenção dos adolescentes japoneses e não os norte-americanos.

A autora aborda também a convergência de mídias no WhatsApp, em outras palavras, a importância das mídias utilizarem o aplicativo como ferramenta de trabalho. Como exemplo dessa interação colaborativa entre o WhatsApp e a mídia, ela cita o jornal on line denominado extra. Reparemos nas palavras de Reis (2013, p. 17):

O jornal *online*, EXTRA, criou uma conta no aplicativo WhatsApp com o objetivo de permitir que o leitor compartilhe notícias e receba informações (fotos, vídeos, áudios e depoimentos). Desde então, o canal de comunicação tem sido fonte de notícias e furos de reportagem por parte do portal de notícias. Os leitores/usuários já denunciaram atrasos no metrô, incêndio, compartilharam fotos e depoimentos da visita do Papa Francisco ao Brasil, entre outros.

Nessa perspectiva, a autora reafirma a ideia de que o leitor tanto pode enviar como receber imagens, áudios, vídeos e depoimentos por meio do WhatsApp, contribuindo, assim, com o trabalho jornalístico. Dessa forma, Reis (2013) argumenta que dois mil contatos foram cadastrados e 50 mil mensagens foram recebidas em cem dias. Foram enviadas 3.200 imagens para o WhatsApp do Extra e que muitas dessas fotos gerou reportagens exclusivas. O leitor

pode enviar sua denúncia ao WhatsApp do Extra com apenas três toques: um para enviar, outro para fotografar ou filmar e um para abrir o aplicativo.

Outra exemplificação dada por Reis (2013, p. 17) é a cobertura do festival de música conhecido como Rock in Rio.

O jornal também se utilizou da colaboração via WhatsApp para fazer a cobertura do festival de música que aconteceu em setembro, o *Rock in Rio*. Os leitores foram reunidos em diversos grupos, de acordo com o dia de presença no evento, e enviaram fotos e informações. Segundo o jornal, foram mais de 250 fotos compartilhadas relatando a viagem até chegar ao *Rock in Rio*, os momentos que antecederam os *shows* e as apresentações de músicas. Além disso, a iniciativa promoveu o encontro de usuários que se conheceram por intermédio do aplicativo e dos leitores com a equipe do jornal EXTRA.

Nesse sentido, Lemos (2013, p. 88 apud. REIS, 2013, p. 17) menciona que o festival de música propicia o entendimento de que as “comunidades virtuais eletrônicas são agregadas em torno de interesses comuns, independentes de fronteiras fixas”. E reforça que são diversificadas as vantagens com a elaboração do grupo no WhtasApp, um exemplo disto é o grupo “Blitz Vale do Aço” de Minas Gerais que envia aos motoristas a localização da operação do Detran ou da blitz da polícia. O Ministério Público de Alagoas também foi beneficiado com a criação do grupo, visto que os jornalistas enviam cobertura de sessões plenárias, imagens, entre outros.

Conclui que, diante disso,

a cultura de convergência mostra-se como um conceito amplo. O processo de criação de mídia envolve história, produção, pós-produção e meio de distribuição. O recebimento de informações, por exemplo, já não pode mais ser considerado como passivo, pois o receptor quer seja ele usuário, telespectador ou leitor, também é produtor e disseminador (JENKIS, 2009). O indivíduo, portanto, pode emitir e receber informações em tempo real para e de qualquer parte do planeta. A convergência não é apenas das tecnologias, mas, sobretudo da cultura e do modo de agir em sociedade. (JENKIS, 2009 apud REIS, 2013, P.18).

Diante do discutido, inferimos que as linhas de pesquisa no WhatsApp também são amplas, pois o aplicativo pode ser objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento (linguística, estatística, tecnológica, comunicação, entre outros), isto é, cada área do conhecimento pode analisá-lo de acordo com seu foco de estudo, da mesma forma pode ser utilizado como ferramenta de trabalho eficiente, visto que o aplicativo promove benefícios aos usuários como troca de informações de forma veloz e gratuita, envio e recebimento de imagens, vídeos, áudios, emojis etc., estes importantíssimos no diálogo, pois expressam os sentimentos e o estado de espírito dos internautas por meio dos desenhos animados. Assim sendo, constatamos que o WhatsApp é um aplicativo que possibilita diversas formas de comunicação tornando-se inovador, pois transformou a maneira de comunicação entre as pessoas, contribuindo de maneira

satisfatória nos setores da vida humana.

Por fim, reforçamos que a linguagem, a fala, a escrita, os gêneros textuais e digitais estão intimamente interligados no evento comunicativo. E, especificamente, os gêneros digitais proporcionam várias maneiras de comunicação, surgindo daí a busca por estudos que descrevam e analisem a mudança que o ambiente virtual trouxe para a língua, principalmente com a proliferação da linguagem internetês, que permite ao usuário unir as modalidades oral e escrita num mesmo evento sociocomunicativo. Este trabalho seguirá nesta linha, por isso, no próximo capítulo, iremos averiguar o quanto e como os adolescentes estão utilizando a linguagem internetês no ambiente virtual, especificamente, no WhatsApp, ou ainda, se apresentam apenas a reprodução de aspectos da fala nos textos escritos neste aplicativo.

## **2. CONVERSAS PELO WHATSAPP: que linguagem é utilizada?**

Neste capítulo serão apresentados os procedimentos metodológicos para realizar a pesquisa, assim como as transcrições e as análises dos diálogos entre os estudantes, a professora e a estagiária/pesquisadora.

### **2.1. Metodologia**

Os procedimentos metodológicos escolhidos para realizar a pesquisa foram: a quantidade de conversas selecionadas, o perfil dos usuários e a forma de coleta.

A pesquisa foi realizada com duas categorias de pessoas: as não nascidas na era digital e as nascidas na época digital. Escolhemos como corpus as conversações no WhatsApp dos alunos do 1º ano da turma B de uma escola estadual do município de João Pessoa porque nasceram na era digital devido à faixa etária variar entre 15 e 17 anos, bem como a facilidade de acesso à escola, visto que a pesquisadora participava do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) como bolsista atuante nessa escola. O motivo que nos levou a escolher a turma “B” dentre as demais turmas foi a interação de muitos alunos dessa turma com as aulas de português quando ministrava as aulas substituindo a professora. Além dos diálogos dos estudantes, também foram selecionadas as conversações no aplicativo WhatsApp da professora que lecionava na escola estadual. E, devido a ter 49 anos de idade, ela se encaixa no perfil de pessoa não nascida na era digital. Outros fatores que motivaram nossa escolha foram a pesquisadora ter sido sua estagiária, auxiliando-a no processo de ensino, inclusive na turma observada e o fato de existir uma relação de amizade entre professora e estagiária, o que promove uma interação mais efetiva.

Constatamos que havia trinta estudantes da turma “B” participando do grupo de conversa no aplicativo WhatsApp, entretanto apenas vinte e cinco participantes interagiram nos diálogos. Realizamos a leitura de todas as conversações dos alunos no aplicativo, cujos diálogos examinados se realizaram do dia 11 de dezembro de 2017 até o dia 03 de janeiro de 2018, isto é, totalizamos uma leitura de 24 conversas consecutivas para selecionarmos os diálogos dos estudantes que seriam analisados. A seleção foi feita pela quantidade de interação nos diálogos, ou seja, os estudantes escolhidos foram os que mais dialogaram em todas as conversações, por isso, obtivemos a análise de apenas sete alunos.

Investigamos os diálogos entre a professora e a estagiária no WhatsApp, cuja seleção das conversas ocorreu de forma distinta dos estudantes. Dentre as 14 conversas que ocorreram do dia 29 de novembro de 2017 ao dia 24 de janeiro de 2018, escolhemos as que possuíam tópicos mais específicos, aqueles voltados às questões escolares, sendo assim, examinamos apenas dois diálogos, que correspondem às datas 10 de dezembro de 2017 e 27 de dezembro de



2017.

O procedimento para coletar os dados, no caso as mensagens no aplicativo WhatsApp, foi através de leitura de todos os diálogos dos estudantes para selecionarmos as conversas mais extensas relacionadas às temáticas do cotidiano escolar. Por isso, detalhamos dois diálogos, que foram realizados em várias datas. É importante salientar que, nessas conversas, apenas os alunos interagiram entre si, não havendo diálogos com a professora e/ou com a estagiária/pesquisadora. Portanto, os critérios de seleção dos diálogos entre os estudantes foram: o tamanho dos diálogos e o tema abordado na conversa.

Já as conversas entre a professora e a estagiária/pesquisadora são menos extensas, mas que promoviam as mesmas temáticas dos alunos, ou seja, assuntos relacionados ao cotidiano escolar. Assim sendo, optamos detalhar e analisar dois diálogos, ou seja, duas temáticas com curta extensão.

Com o intuito de preservar a identidade dos participantes, visto que a maioria não atingiu maioridade, apenas as iniciais dos estudantes foram mencionadas nos inícios dos diálogos, e, quanto ao sigilo de identidade da professora e da estagiária/pesquisadora, preferimos colocar a inicial “P” representando a professora e “E” representando a estagiária.

Não consideremos relevante transcrever os diálogos na íntegra no corpo do texto, visto que podem ser conferidos em sua totalidade nos anexos. Dessa forma, apresentamos no capítulo referente às análises conversacionais apenas partes das transcrições das falas examinadas nas quatro conversações, nelas será observado e discutido o tipo de linguagem utilizada pelos estudantes, pela professora e pela estagiária, ou seja, se estes utilizam linguagem informal internetês, e/ou se apresentam a reprodução de aspectos da fala nos textos escritos no aplicativo.

## **2.2. Descrição e Análise dos Diálogos**

Como já foi mencionado, tivemos dois grupos de conversas: dos alunos entre si e da professora com a estagiária. Para proceder à análise das conversas, primeiramente, descreveremos e discutiremos as conversas dos alunos e, na sequência, da professora com a estagiária.

Para a conversa entre os alunos, os dias escolhidos foram segunda, terça, quarta e quinta, de 11/12/2017 até 14/12/2017, por tratar da mesma temática. Não foram feitas alterações no texto para manter a originalidade do diálogo, incluindo erros de digitação, abreviações, palavrões, expressões que indicam risadas, assim como as transcrições na íntegra de alguns áudios para mostrar a forma que as linguagens escrita e oral são utilizadas no WhatsApp. Basicamente o tema da conversação é prova final. A conversa inicia com uma notícia dada por M. F., que não está presente no corpo desse trabalho, mas que pode ser observada na íntegra no anexo.

### Conversa 1 – Entre os Alunos

[M. F]: E sobre esse bimestre  
 [N]: Tdd [acrescenta emojis com fisionomia triste]  
 [P. S]: Ox  
 [M. F]: Espero que não tenha né  
 [N]: Que faseeeee final de matemática [acrescenta três emojis sorrindo e depois escreveu a abreviatura tdd]  
 [M. F]: Pq  
 [M. F]: Creio que o certo seria dividir nossa nota por 2  
 [M. F]: Até  
 [M. F]: Eita  
 [P. S]: Ela ta onde?  
 [M. F]: O resto tá passado  
 [P. S]: Ngm  
 [M. F]: Espanhol foi hj?  
 [M]: Amanhã haverá aula?  
 [M]: Pfv [acrescenta um emoji sorrindo envergonhada]  
 [N]: Hehehehehehehe  
 [A]: Tnc  
 [A]: [embaixo da expressão]: Mais deixou de fazer a Soacc pra ficar cm a boysinha e a boysinha so botou isso em tu [acrescenta vários emojis representando chifres e emojis sorrindo] [comenta]: Levou gaiiiiiiaaaaa mz [acrescenta emojis sorrindo, emojis de chifres e emojis sorrindo de forma crítica]  
 [N]: Tdd  
 [N]: [embaixo da expressão]: Só pra não colocar 10 [acrescenta emojis sorrindo] [comenta]: Num foi so fiz a atividade dele de besta [acrescenta emojis tristes]  
 [A]: Alguem me passa o numero do professor de geografia?  
 [N]: [embaixo da expressão]: Geografia vai dar as medias??? [comenta]: Ele falou que n tinha cm tirar ft agr n mais dps mandava pelo WhatsApp  
 [N]: Errada n ela crt  
 [A]: Alguem me passa o numero do professor de geografia?  
 [A]: [embaixo de um audio que ele mesmo postou] [comenta]: Foi siimmm [acrescenta emojis sorrindo]  
 [N]: Tá Grl  
 [N]: [embaixo do áudio]: Quero vê esses povinho lá da sala no Liceu, quero vê tudinho reprovado no Segundo ano, vão passar esse ano no conselho, quero vê ano que vem, ano que vem quero saber do resultado.[N] [comenta]: Tu vai ver e nois no 3 Ano viss.. cuidado Ira tu ser reprovado Ia no Iep n  
 [N]: [embaixo da expressão]: Vou fazer igual esse ano emojis sorrindo satisfeito. [Comenta]: Esse ano tu fizesse alguma coisa cm os professors [acrescenta emojis sorrindo] por isso que tu vai passar pro media [acrescenta emojis sorrindo]  
 [N]: O boy so passou por média por causa de vcs  
 [A]: Só fileiiiiiii em matemática mesmo  
 [A]: [grava o seguinte áudio]: Ay não seja tão vulgar mulher assim chegar a esse ponto de tá dizendo ele que não fosse da mulher te ajeita  
 [N]: Vou estudar vou fazer ingual quando eu tava no 6 7 8 ano  
 [A]: [grava áudio dizendo]: Haha Ay tu tu ta teu marido tá escutano isso? tu falando que ficou com N? mulher  
 [Mn]: Quando é a final de matemática  
 [F]: KKKKKKKKKK  
 [A]: Vouuu

Os diálogos, transcritos acima, no WhatsApp se enquadram no conceito deste aplicativo, pois constatamos que a comunicação ocorre de diversas formas como: áudio, imagens, vídeos e textos escritos. Uma das funcionalidades do aplicativo bastante utilizada pelos estudantes é o emoji. Em contrapartida, averiguamos que a função de vídeo não é muito usada pelos alunos,

pois só constatamos um vídeo em todas as conversações. O vídeo não está inserido nos diálogos analisados, pois escolhemos as conversações cujas temáticas abordam assuntos diários relacionados à vida escolar.

Ao acompanharmos diariamente os diálogos entre os estudantes no WhatsApp, constatamos que as mensagens foram trocadas de forma veloz corroborando que “o processo de escrita e recepção acontece quase em simultâneo” como esclareceu Teixeira (2003 apud. REIS, 2013, p.8). Notamos que algumas informações foram enviadas de diversificados ambientes como escola e extra escola, comprovando que “as mensagens podem ser enviadas e respondidas de qualquer lugar e momento” como relatou Santos (2012 apud REIS, 2013, p.8). Vejamos essa assertiva confirmada por meio do diálogo de M. F: “Vou pegar busão agr” no dia 28/12/ 2017, que está nos anexos, a aluna enviou essa mensagem para o grupo de um local que não é a escola.

Outro trecho de diálogo que também está nos anexos, contudo consideramos bastante pertinente é o momento em que um aluno solicita ajuda aos colegas para resolução de questões de matemática e a colega explicita as questões tirando as dúvidas daquele por meio do WhatsApp, essa observação nos mostra que o aplicativo colabora com o processo de aprendizagem, como propõe Reis (2013, p. 17) ao mencionar que o WhatsApp é um aplicativo colaborativo. Vejamos essa ideia comprovada no diálogo dos estudantes:

[A. L]: [envia uma imagem com questões de recuperação e faz o seguinte comentário]: Alguém sabe Aí?  
 [Ash]: M.g.h  
 [Ash]:  $2.10.5+100$   
 [Ash]: [envia a foto da questão resolvida e comenta]: Se não precisar enverter é assim  
 [Ash]: [envia uma imagem da questão resolvida e comenta]: Gente eu nao sei tá crt mais.... eu o que eu faria

Os diálogos transcritos acima nos mostram que além da aluna Ash resolver a questão no aplicativo, ela tem a preocupação de deixar bem clara sua explicação, por isso envia uma imagem com o detalhamento da resolução da questão.

Examinadas todas as conversações, constatamos que a linguagem utilizada pelos estudantes no WhatsApp é variável, pois tanto operam com o internetês caracterizada por Magnabosco (2009, p.52) de linguagem híbrida, ou seja, “une oralidade e escrita em um mesmo suporte a tela do computador”, como utilizam a linguagem com características da oralidade na escrita, caracterizando, assim, o que Marcuschi (2001, p.18) denominou de comunicação mista. Como exemplo dessa comunicação mista, temos o fragmento do diálogo de M. F: “Espero que não tenha né” (retirado da Conversa 1), o “né” é uma marca típica da oralidade registrada na escrita de M. F. Isto nos confirma que “As diferenças entre fala e escrita se dão dentro do continuum tipológico das práticas sociais e não na relação dicotômica de dois polos opostos”, como afirma Marcuschi (2001, p.13).

Averiguamos, também, que, apesar de a fala e a escrita não serem opostas, há características particulares a cada uma, isso pode ser verificado nos diálogos dos estudantes extraído da Conversa 1, em que o aluno A grava os seguintes áudios: Ay não seja tão vulgar mulher assim chegar a esse ponto de tá dizendo ele que não fosse da mulher te ajeita e Haha Ay tu tu ta teu marido tá escutano isso? tu falando que ficou com N? mulher. Nesse exemplo, o “tá” é caracterizado como marca característica da fala. A transcrição do segundo áudio mostra nitidamente a repetição do pronome pessoal “tu”, caracterizando, assim, que as marcas da oralidade são redundantes.

Como exemplificação de linguagem híbrida, temos o registro escrito por N abaixo do áudio de A. Reparemos:

[A]: Quero vê esses povinho lá da sala no Liceu, quero vê tudinho reprovado no segundo ano, vão passar esse ano no conselho, quero vê ano que vem, ano que vem quero saber do resultado. [N] [comenta]: Tu vai ver e nois no 3 Ano viss.. cuidado Ira tu ser reprovado Ia no Iep n

No trecho supramencionado, “nois” e “viss” são interferências da fala registradas na escrita do aluno. Além disso, notamos uso do código “n”, isto é, abreviação do advérbio “não”, reforçando o que autores como Possenti (2006), Freitag, Fonseca e Silva (2006), Castilho (apud MARCONATO, 2006), Pereira e Moura (2006) mencionam como a linguagem internetês sendo um código com aspectos que já ocorreram na língua formal, em outros momentos históricos como as abreviações no Português medieval.

A linguagem informal é umas das características que configura o internetês, pois abre mão de uma escrita rebuscada e formal, já que é uma “escrita que se assemelha à conversação, pois os usuários transportam para a tela do computador suas risadas, tons de voz e expressões faciais” (MAGNABOSCO, 2001, p.33). Verificamos que essa linguagem está presente na maioria das conversas dos estudantes. Como exemplo, temos a expressão de N “Hehehehehehehe”, que caracteriza que o aluno N está sorrindo. Além dessas, é muito comum vermos “kkkkkkkkk”, essa expressão significa que alguém está sorrindo, a exemplo do comentário de F: KKKKKKKKKK.

Outras características bastante perceptíveis nas escritas dos estudantes foram: o “banimento da acentuação gráfica, o acréscimo ou repetição de vogais, modificações do registro gráfico padrão, troca ou omissão de letras” (KOMESU e TENANI, 2009, p.624), confirmando as características que compõem o internetês. Para exemplificar, reparemos: “M. F: E sobre esse bimestre”, em que a aluna não colocou o acento agudo, e, dessa forma, o texto causa, inicialmente, confusão entre o conectivo “e” e o verbo ser, flexionado na terceira pessoa do singular: “é”, mas isso é resolvido no contexto. Também são exemplos as expressões: “N: Que faseeeee final de matemática [acrescenta três emojis sorrindo] e depois escreveu o termo tdd”, A comenta: Levou gaiiiiiiaaaaaa mz [acrescenta emojis sorrindo, emojis de chifres e emojis sorrindo de forma crítica]”, A: “Só fileiiiiiii em matemática mesmo” e A: “Vouuu”, “A

comenta: Foi siimmm”, em que observamos que a repetição das vogais A, E, I, U e da consoante M para reforçar a duração da palavra na fala, constatando, assim, a utilização da linguagem internetês no WhatsApp. No caso do vocábulo “num” no lugar de “não”, observamos uma característica da fala que está sendo registrada na escrita do aluno.

As abreviações de palavras são muito frequentes nos diálogos, um exemplo disso são os pronomes de tratamento “você”, “vocês” em que a maioria dos internautas escreve apenas “vc”, “vcs”, como no exemplo: “N: O boy so passou por média por causa de vcs”.

Os termos “ft”, “n”, “cm”, “agr”, “dps” também são abreviações de “foto”, “não”, “como”, “agora” e “depois”, a exemplo de: “embaixo da expressão (Geografia vai dar as medias???) N comenta: Ele falou que n tinha cm tirar ft agr n mais dps mandava pelo WhatsApp”. São inúmeras as palavras que os internautas abreviam, vejamos mais algumas: “N: Tá Grl”, “N: Errada n ela crt”, “P. S.: Ngm”, “P. S.: Ela ta onde?” “M. F.: Espanhol foi hj?”, “M: Pfvr (acrecenta um emoji sorrindo envergonhada)”, em que as abreviaturas “Grl”, “crt”, “Ngm”, “hj”, “Pfvr” correspondem, respectivamente, às palavras “galera”, “certa”, “ninguém”, “hoje”, “por favor”, comprovando mais uma vez que a abreviatura dos vocábulos é uma das características da linguagem internetês, como consequência dessa abreviação ocorre redução na ortografia e produção de enunciados mais curtos. Apesar de o internetês utilizar as abreviações para dar agilidade nas conversas, é importante reforçar que essa característica não é exclusividade do internetês, pois abreviações como “pq”, por exemplo, já eram feitas anteriormente ao advento da internet.

Além das observações descritas acima, averiguamos que ocorre uma transformação na escrita dos usuários da linguagem internetês, como defendem Komesu e Tenani (2009, p. 625 apud. ARAÚJO, 2007, p. 28): “o internetês é uma modificação criativa na escrita da língua em ambiente digital...”, fato que explicitado nos exemplos: “N: Tdd [acrecenta emojis com fisionomia triste]”, “P. S.: Ox”, “A: Tnc”, em que “Tdd”, “Ox” e “Tnc” são abreviações criadas pelos estudantes para expressar, provavelmente, “tá doido”, “oxente” e “tá na cara”, respectivamente. É importante ressaltar que as “regras” para fazer a abreviação são seguidas, por isso os alunos conseguem manter a comunicação com seus pares.

Apesar de os sinais de pontuação não ser critério de análise para conceituação de internetês, examinamos que são utilizados de forma restrita, pois pouquíssimas são as vezes que os alunos os utilizam, vejamos: “Mn: Quando é a final de matemática”, “M. F.: Pq”, nos dois questionamentos, o aluno não usa o sinal de interrogação. Além da interrogação, é bastante comum vermos que os alunos não usam as vírgulas nas escritas, como nos exemplos: “N: Vou estudar vou fazer ingual quando eu tava no 6 7 8 ano”, “N: Embaixo da expressão (Vou fazer igual esse ano [acrescenta emojis sorrindo satisfeito]) N comenta: Esse ano tu fizesse alguma coisa cm os professores [acrescenta emojis sorrindo] **por isso** que tu vai passar pro media [acrescenta emojis sorrindo]”. Essa omissão da pontuação causa, de início, um estranhamento,

já que a pontuação, segundo os compêndios normativos, tem a função de na escrita expressar aspectos da fala, como pausas, entonações, emoções, intenções e anseios, então deveria ser um elemento bastante presente em uma escrita híbrida/mista, como a encontrada nos meios digitais. No entanto, acreditamos que os outros recursos que se fazem presentes, como o alongamento das vogais e os emojis, terminam por assumir essa função, dispensando, assim, as marcações com os sinais de pontuação.

A Conversa 2 foi do dia 18/12/2017, segunda-feira, nela os estudantes dialogaram sobre a escola que pretendiam estudar em 2018, pois a maioria deles foi obrigado a deixar a escola que estudaram em 2017 devido a essa ter se tornado integral. Assim como na primeira, não foram feitas alterações no texto para manter a originalidade do diálogo, incluindo erros de digitação, abreviações, palavrões, expressões que indicam risadas, bem como transcrições na íntegra de alguns áudios para mostrar a forma que a linguagem escrita e oral é utilizada no WhatsApp. A conversa inicia com a postagem da imagem que contém as notas dos alunos, que pode ser conferida nos anexos.

#### **Conversa 2 – Entre os Alunos**

[M. F]: Só tem vaga para jovem aprendiz

[M. F]: Eae

[M. F]: Tu vai estudar aonde?

[M. F]: Aé

[M. F]: Vdd

[M. F]: Que sorte

[M. F]: Pessoal de curso vai ter q se virar, mudar o turno, sla

[M. F]: Lascou

[N]: V falou que a prioridade pra manhã e pra quem trabalhar a tarde ou fais curso ai falou que era pra levar a declaração

[M. F]: E não conseguiram por causa disso agr

[M. F]: Msm qm tá na lista ficou para de tarde

[M]: [embaixo da expressão]: Msm qm tá na lista ficou para de tarde [comenta]: A moça mim perguntou se eu iria esperar para 8 de janeiro só que falei que não, irei ficar a tarde, só que o homem disse por conta da minha nota nn iria ficar de manhã [acrescenta emoji sorrindo e emoji pensativo]

[A]: Otários [acrescenta emoji com a mão no rosto]

[M]: [embaixo da expressão]: Otários [acrescenta emoji com a mão no rosto] [comenta]: Oi? An? Falando cmg [acrescenta emoji pensativo]

[A]: E a mulher falou ate o dia que vai começar as aulas [acrescenta emoji de questionamento]

[M. F]: Tbm tinha feito

[M. F]: Mas ela ligou hj para mãe

[A]: Apois ainda ngm falou nada pra mim não

[M. F]: Disse que se não for jovem aprendiz não entra

[M. F]: Vá lá então

[M. F]: Pq tem muitos

[M. F]: Quem fez inscrição no Iep para de manhã vá corer atrás

[M. F]: Assim como eu e muitos

[M]: [embaixo da expressão]: Não trabalho com nomes [acrescenta emojis sorrindo e emoji

questionador) [comenta]: Entaaaao tu és primeiro daqui né, é cada uma [acrescenta emoji de hang loose]

[A]: Apoiis vou lá Quinta [acrescenta emoji sorrindo satisfeito]

[Mn]: Aushsu

[A]: [grava áudio dizendo]: homem ninguém aqui ta de brincadeira não Mn você sabe que aqui é coisa séria tu num tá doido visse eu nunca mais falo com tu

[Mn]: [embaixo do áudio de A], Mn [acrescenta emojis sorrindo]

Examinadas todo o diálogo, constatamos que a linguagem utilizada é variável, pois tanto opera com a internetês quanto apresentam características da oralidade na escrita. Como exemplo dessa comunicação mista, temos os fragmentos dos diálogos de: M: “Embaixo da expressão (Otários [acrescenta emoji com a mão no rosto]) comenta: Oi? An? Falando cmg [acrescenta emoji pensativo]”, “M. F: Eae”, “M. F: Aé”, em que o “Oi”, “An”, “Eae” e “Aé” representam marcas típicas da oralidade registradas na escrita, assim como “cmg” e os emojis representam marcas do internetês.

Prosseguindo nesse sentido, averiguamos que apesar de a fala e a escrita não serem opostas, há características particulares a cada uma, isso pode ser verificado nos diálogos dos estudantes, notemos: “o aluno A grava áudio dizendo: homem ninguém aqui ta de brincadeira não Mn você sabe que aqui é coisa séria tu num tá doido visse eu nunca mais falo com tu”, em que os termos “num” e “tá” são características da fala. Além disso, observamos o uso do “visse”, que guarda a função de checar a comunicação com o interlocutor, o uso de “tu” na função de objeto, ou seja, no lugar de contigo, uso bastante comum na fala. Essas características estão presentes na comunicação oral, mas muitas vezes são encontradas na escrita, evidenciando as marcas da oralidade na escrita.

Há, contudo, alguns aspectos morfosintáticos que estão presentes tanto na comunicação oral quanto na escrita, que são os casos de não concordância entre sujeito e verbo, a exemplo do registro escrito pela aluna M. F: “Tu vai estudar aonde?”. Nesse caso, o sujeito “tu”, segunda pessoa do singular, e o verbo “ir”, conjugado na terceira pessoa do singular, estabelecem uma relação de concordância não prevista na norma. Outro aspecto variável perceptível é o uso do advérbio “aonde” no lugar de “onde”, já que nesse caso temos a ideia de lugar e não de deslocamento.

Ainda analisando a Conversa 2, temos mais exemplos de linguagem híbrida, como no registro: “Embaixo da expressão (Não trabalho com nomes [acrescenta emojis sorrindo e emoji de questionamento]) M comenta: Entaaaao tu és primeiro daqui né, é cada uma [acrescenta emoji simbolizando hang louse]”, em que o “né”, marca peculiar da fala, está registrado na escrita do estudante M. Outra característica que observamos nesse fragmento conversacional é a presença da linguagem internetês, como em “Entaaaao”, que apresenta o acréscimo da vogal “a” como recurso de expressividade, como esclareceu Magnabosco (2009, p.52). Além disso, verificamos que os emojis são utilizados tanto para reforçar registros escritos como orais,

vejamos com o exemplo: “embaixo do áudio de A, Mn [acrescenta emojis sorrindo]”.

Como visto, a linguagem informal é umas das características que configura o internetês, pois abre mão de uma escrita rebuscada e formal como bem colocou Magnabosco (2001, p. 33), ao declarar que é uma “escrita que se assemelha à conversação, pois os usuários transportam para a tela do computador suas risadas, tons de voz e expressões faciais”. Outro aspecto que marca essa informalidade é o uso de palavras pejorativas ou de baixo calão. No diálogo, a expressão de Mn: “Aushsu”, que caracteriza que o aluno Mn está sorrindo, o palavrão “Lascou” redigido pela aluna M. F., que significa que algo deu errado ou que alguém se deu mal, e a expressão: “A: Otários [acrescenta emoji com a mão no rosto]”, que significa pessoas tolas, são exemplos dessas marcas de informalidade.

Na Conversa 2, também observamos ocorrências de ausência do acento gráfico, a exemplo do trecho: “N: V falou que a prioridade pra manhã e pra quem trabalhar a tarde ou fais curso ai falou que era pra levar a declaração”, em que o aluno não colocou o acento agudo em “e” e em “ai”, assim como não colocou o acento grave na locução adverbial “a tarde”.

Nos trechos: “A: Apoiis vou lá Quinta [acrescenta emoji sorrindo satisfeito]”, M: “Embaixo da expressão (Não trabalho com nomes [acrescenta emojis sorrindo e emoji de questionamento]) comenta: Entaaaao tu és primeiro daqui né, é cada uma [acrescenta emoji de hang louse]”, observamos que a repetição das vogais (a, i) reforça a duração da fala em “Entaaaao” e em “pois”, cuja grafia é registrada da seguinte forma: “Apoiis”.

As abreviações de palavras também são muito frequentes, um exemplo disto é a conjunção “porque”, que a maioria dos internautas escreve apenas “pq”, como em: “M. F.: Pq tem muitos”. Além dessa, são inúmeras as palavras que os internautas abreviam, vejamos mais algumas (destacadas em negrito): “M. F.: **Tbm** tinha feito”, “M. F.: Mas ela ligou **hj** para mãe”, “A: Apois ainda **ngm** falou nada pra mim não”, “M. F.: E não conseguiram por causa disso **agr**”, “M. F.: **Vdd**”, “M. F.: Pessoal de curso vai ter **q** se virar, mudar o turno, **sla**”, “M. F.: **Msm qm** tá na lista ficou para de tarde”, “M: embaixo da expressão (Msm qm tá na lista ficou para de tarde) comenta: A moça mim perguntou se eu iria esperar para 8 de janeiro só que falei que não, irei ficar a tarde, só que o homem disse por conta da minha nota **nn** iria ficar de manhã [acrescenta emoji sorrindo e emoji pensativo]”, que correspondem respectivamente aos vocábulos “também”, “hoje”, “ninguém”, “agora”, “verdade”, “que”, “sei lá”, “mesmo”, “quem” e “não”, comprovando mais uma vez que a abreviatura de palavras torna a escrita ágil.

Em relação aos sinais de pontuação, também encontramos exemplo na Conversa 2: “M. F: Que sorte”. Nesta admiração, a estudante não utilizou o sinal de exclamação, comprovando, assim, que é comum a não utilização dos sinais de pontuação.

Portanto, observamos que em todas as conversações examinadas, os estudantes utilizam recorrentemente as mesmas características: a abreviação das palavras, o acréscimo ou repetição de vogais, o banimento da acentuação gráfica e os emojis, que representam o internetês, assim



como é possível observar marcas da oralidade que foram transpostas para escrita, a exemplo de expressões que checam a comunicação e variações.

As Conversas 3 e 4 descrevem a interação professora-estagiária, as quais discutiremos a seguir. A Conversa 3 foi realizada no dia 10/12/2017 – domingo, e retrata o diálogo da estagiária com a professora (não nascida na era digital) sobre a maneira de formular a prova final. Assim como nas outras Conversas, não foram feitas alterações no texto para manter a originalidade do diálogo. A conversa inicia com uma saudação de boa noite pela estagiária.

### **Conversa 3 – Professora – Estagiária**

[E]: Boa noite, querida! Deixa eu te aperrear mais um pouco.  
 [E]: Posso fazer um dos textos de interpretação que trabalhei com eles? Ou tem q ser um texto que não foi trabalhado com eles?  
 [E]: A prova final pode ser texto interpretativo de múltipla escolha  
 [P]: Boa noite, K! Eu você não colocaria texto. Faria questões com conteúdos trabalhados nos bimestres. Escolha alguns.  
 [P]: Fazer de texto é complicado pq dá margem pra eles recorrerem, se for o caso  
 [E]: Questões diferentes das trabalhadas ao longo do ano ou novas questões?  
 [P]: Não. Pode ser já trabalhadas. É até melhor, dá menos trabalho pra elaborar  
 [E]: É obrigatório ser 10 questões ou pode ser 5?  
 [P]: No Olivina eles pedem 10. Cada uma, um ponto  
 [P]: Será que vamos trabalhar juntas? Deus a de querer  
 [P]: K, não existe lei. Só com 10, o aluno terá mais chance  
 [E]: [embaixo da expressão]: K, não existe lei. Só com 10, o aluno terá mais chance [comenta]: Hummmmm vdd  
 [E]: Temos q fazer uma revisão né?  
 [P]: Fica a critério do professor  
 [P]: É bom.  
 [E]: Essa prova fica arquivado na escola?  
 [E]: Temos q registrar no sistema os conteúdos que colocamos na prova?  
 [P]: KKKKKKKKK  
 [E]: [embaixo da própria interrogação]: Na prova final temos que colocar no cabeçalho que é prova final? [comenta]: Tem q colocar prova final!  
 [E]:?  
 [E]: Professora eficiente como vc é outro nível. Muito obrigada!  
 [E]: A manhã a gente se vê viu  
 [P]: Só se for!  
 [P]: Joia  
 [E]: Vou ao olivina preencher a frequência pq Sz me pediu p ir amanhã  
 [E]: Eu iria quinta se fosse por mim p n v certa pessoa  
 [P]: Vá mesmo. Lhe aguardo! [acrescenta emojis de beijos]

Os diálogos transcritos acima entre a professora da escola estadual e a estagiária no WhatsApp messenger se enquadram no conceito do aplicativo WhatsApp, pois constatamos que a comunicação ocorre de diversas formas, através de áudio, imagens e textos escritos. A funcionalidade de emoji não é usada com frequência pela professora e a função de vídeo não foi realizada em nenhuma das conversas.

Ao acompanharmos diariamente os diálogos entre a professora e a estagiária no WhatsApp, vimos que as mensagens foram trocadas de forma veloz, corroborando, assim como nas Conversas 1 e 2, a troca comunicativa rápida entre os interlocutores. Algumas informações foram enviadas de diversos ambientes, comprovando a fluidez do local e do momento de envio da mensagem, como podemos comprovar no trecho: “E: A manhã a gente se vê viu”, “E: Vou ao olivina preencher a frequência pq Sz me pediu p ir amanhã”.

Consideramos bastante pertinente o momento em que a estagiária solicita ajuda à professora sobre a formulação da prova final de português, pois a professora retira as dúvidas daquela por meio do WhatsApp. Essa observação nos mostra, assim como vimos nas conversas entre os alunos, que o aplicativo colabora em vários setores da vida humana, caracterizando-o, assim, como um aplicativo colaborativo. Vejamos essa ideia comprovada nesse trecho do diálogo entre a estagiária e a professora: “E: Posso fazer um dos textos de interpretação que trabalhei com eles? Ou tem q ser um texto que não foi trabalhado com eles?” “P: Boa noite, K! Eu você não colocaria texto. Faria questões com conteúdos trabalhados nos bimestres. Escolha alguns”, “P: Fazer de texto é complicado pq dá margem pra eles recorrerem, se for o caso”, “E: Questões diferentes das trabalhadas ao longo do ano ou novas questões?”, “P: Não. Pode ser já trabalhadas. É até melhor, dá menos trabalho pra elaborar”, “E: É obrigatório ser 10 questões ou pode ser 5?”, “P: No Olivina eles pedem 10. Cada uma, um ponto”.

Examinadas todas as conversas, constatamos que tanto há interferência da fala na escrita como o uso do internetês nos diálogos da professora e da estagiária. Como exemplo dessa comunicação mista, temos o fragmento do diálogo de E: “A manhã a gente se vê viu”, “E: Temos q fazer uma revisão né?”, em que tanto o “viu”, “a gente” como o “né” são marcas típicas da oralidade registrada na escrita da estagiária. Já o trecho: P: “KKKKKKKKKK” é um exemplo de uso do internetês, pois caracteriza que a professora P está sorrindo.

Outras características bastante perceptíveis na escrita da professora e da estagiária no WhatsApp foi que não houve o banimento da acentuação gráfica e pontuação na maioria dos diálogos, exceto no trecho “E: A prova final pode ser texto interpretativo de múltipla escolha”, em que há a ausência do sinal interrogativo. Nos demais casos, os sinais de pontuação foram bastante utilizados tanto pela professora quanto pela estagiária, vejamos: “E: Essa prova fica arquivado na escola?”, “E: Boa noite, querida! Deixa eu te aperrear mais um pouco.”, “P: É bom.”, “P: Só se for!”, “P: Vá mesmo. Lhe aguardo! [acrescenta emojis de beijos]”, “E: Embaixo do próprio questionamento (Na prova final temos que colocar no cabeçalho que é prova final?) comenta: Tem q colocar prova final!”, “E:?”; nestas últimas transcrições é importante observar que a estagiária percebe que digitou o sinal de pontuação de maneira errônea, ou seja, ao final da indagação colocou um sinal de exclamação ao invés do interrogativo, ao perceber o erro, corrige-o imediatamente.

Apesar de essas duas características do internetês não terem sido profícuas nos diálogos

entre a professora e a estagiária, outras características foram evidenciadas: “E: Embaixo da expressão (K, não existe lei. Só com 10, o aluno terá mais chance) comenta: Hummmmm vdd”, é nítido que nesse trecho houve um acréscimo da consoante “m” na palavra “Hum”, assim como abreviação da palavra “verdade”. Além disso, são inúmeras as palavras que a professora e a estagiária abreviam, vejamos algumas: “P: Fazer de texto é complicado **pq** dá margem pra eles recorrerem, se for o caso”, “E: Temos **q** registrar no sistema os conteúdos que colocamos na prova?”, “E: Professora eficiente como **vc** é outro nível. Muito obrigada!”, “E: Eu iria quinta se fosse por mim **p n v** certa pessoa”, em que as abreviaturas destacadas em negrito correspondem às palavras “porque”, “que”, “você”, “para”, “não”, “ver”.

A Conversa 4 se realizou na quarta-feira, 27/12/2017. O diálogo da estagiária com a professora versa sobre a forma de realizar os cálculos da prova final. A conversação inicia com uma saudação de boa noite pela estagiária.

#### Conversa 4 – Professora - Estagiária

[E]: Boa noite, minha querida!

[E]: O menino foi p final e ficou c média final 6,9 ele passou ou não?

[P]: [grava audio dizendo]: K, essa média aí ela tá errada, viu?, porque o aluno tirou 8,0 numa média final e ele foi com 6,2 na síntese bimestral. Você vai ter que mandar aí o sistema salvar e calcular porque ele aí, não, pera aí, desculpa!, não, tá certo, desculpe, eu tô misturando as coisas, é, a média final de quem vai para uma final é 5, então ele tá passando 1,9, ele ta aprovado

[E:] Muito obrigada rsrsrsrs

[E]: É vc tá bem?

[P]:Tô! Só o pó. Sem coragem pra nada

[E]: Estou organizando agora pq a direção determinou q português só poderia colocar hoje no sistema

[E]: [grava audio dizendo]: e você vai saber qual a escola vai trabalhar qual dia?

[P]: [grava audio dizendo]: é, dizem que só em janeiro agora, não falaram a data, vai ser colocado no diário oficial, aí eu to, vou viajar terça-feira dia 03, né?, da terça pra quarta, aquela viagem que eu te falei. Tô voltando dia 13, aí pronto, eu vou pedir pra D tá acompanhando porque se sair alguma coisa ela manda me dizer. Por enquanto é uma incógnita e sexta feira foi o conselho do Olivina. Sai de lá, mulher, chorei tanto, arrasada, que só em pensar que a gente não volta mais, né?, e mas é isso mesmo, viu?, lembrei de você no dia de natal e esqueci, mulher, de mandar um WhatsApp pra tu, mulher, desejando tudo de bom, mas, é, eu digo, não, daqui pra o dia 31 eu falo com ela. Que Deus te abençoe visse, K. Tu foi maravilhosa comigo durante esse período. Que Deus te abençoe em 2018, você consiga realizar seus projetos de vida, viu? Um beijo e a gente vai se vê ainda, se Deus quiser.

[E]: Hummmmmmmmmmm

[E]: Sexta tb foil á no iep

[E]: Eu já estou com saudade de vc

[P]: Nem me fale!

[P]: Tô pra baixo

[E]: [embaixo da expressão]: Tô pra baixo [comenta]: Oh não fique assim q eu vou quebrar um galho p vc lá na nova escolar caso eu não fique no iep.

[P]: Obrigada, K!

[P]: Vou aguardar os acontecimentos e lhe falo

Semelhante à análise anterior, observamos que tanto a professora como a estagiária não utilizaram a funcionalidade de emoji e vídeo.

Consideramos bastante pertinente o momento em que a estagiária solicita ajuda a professora sobre a realização dos cálculos da prova final de português, pois a professora tira as dúvidas daquela por meio do WhatsApp, reafirmando sua função colaborativa. Vejamos essa ideia comprovada no diálogo entre a estagiária e a professora: “E: O menino foi p final e ficou c média final 6,9 ele passou ou não?”, “P: grava áudio dizendo: K, essa média aí ela tá errada viu porque o aluno tirou 8,0 numa média final e ele foi com 6,2 na síntese bimestral você vai ter que mandar aí o sistema salvar e calcular porque ele aí, não, pera aí, desculpa!, não, tá certo, desculpe, eu to misturando as coisas, é, a média final de quem vai para uma final é 5, então ele tá passando 1,9, ele tá aprovado”.

Examinadas todas as conversas, constatamos que a professora e a estagiária permanecem utilizando uma linguagem híbrida/mista. Como exemplo dessa comunicação mista, temos os fragmentos dos diálogos de: “E: Embaixo da expressão (Tô pra baixo) comenta: Oh não fique assim q eu vou **quebrar um galho** p vc lá na nova escolar caso eu não fique no iep”, “P: Tô **pra baixo**”, “P: Tô! **Só o pó**. Sem coragem pra nada”, cujas expressões em negrito são metáforas utilizadas na oralidade, que significam, respectivamente, “ajudar”, “triste” e “cansaço”, mas que foram registradas na escrita da estagiária e da professora.

As marcas de internetês podem ser observadas em: “E: Muito obrigada rrsrrsrs”, em que o “rrsrrs” significa que a estagiária está sorrindo. Percebemos também o reforço expressivo com a repetição de “m” em: “E: Hummmmm”, assim como a busca por uma comunicação ágil através de algumas abreviações: “E: O menino foi **p** final e ficou **c** média final 6,9 ele passou ou não?”, “E: Sexta **tb** foi lá no iep”, “E: É **vc** tá bem?”, “P: Tô! Só o pó. Sem coragem pra nada”, “E: Estou organizando agora **pq** a direção determinou **q** português só poderia colocar hoje no sistema”, em que as abreviações em negrito correspondem a “para”, “com”, “também”, “você”, “está”, “estou”, “porque”, “que”.

Novamente, nesta Conversa, podemos conferir que não houve o banimento da acentuação gráfica e a pontuação se fez presente nos diálogos: “E: **É** vc **tá** bem?”, “P: Nem me fale!”, “E: Eu **já** estou com saudade de vc”.

Por fim, é possível observar que tanto a linguagem mista como o internetês são muito presentes nos dois grupos: pessoas nascidas e não nascidas na era digital. Isso nos faz concluir que o internetês, apesar de mais utilizado pelos jovens, aqueles que nasceram na era digital, não é exclusividade deles e também que as conversas analisadas apresentaram uma fluidez muito grande, trazendo marcas da oralidade na escrita e do internetês.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados das análises dos trechos dos diálogos entre os estudantes do 1º ano da escola estadual no WhatsApp foram surpreendentes, pois tínhamos a ideia de que a única linguagem utilizada entre os adolescentes era o internetês, entretanto observamos a interferência da fala na escrita em vários fragmentos das conversas.

Outra observação que nos chamou atenção foi o fato de os estudantes, no primeiro diálogo examinado, utilizarem pouquíssimas vezes os sinais de pontuação. Além disso, constatamos que esses estudantes operam com muita frequência a abreviação das palavras, o acréscimo ou repetição de vogais, o banimento da acentuação gráfica, bem como o uso dos emojis. A funcionalidade do áudio foi utilizada com pouca regularidade, em contrapartida os usuários transportaram constantemente as risadas para a tela do celular, confirmando que a escrita dos internautas se assemelha à fala. A maioria das características presentes no primeiro diálogo foi observada na segunda conversação, contudo observamos a criatividade dos estudantes ao fazerem novas abreviações, como “tdd”, “ox” e “tnc”, apenas na primeira conversa. Já o segundo diálogo foi marcado pela presença de palavras obscenas, característica mais comum das conversas orais informais.

Constatamos, em resumo, que praticamente as mesmas características se repetem em todos os diálogos dos estudantes, isto é, notamos que o acréscimo ou repetição de vogais, o banimento da acentuação gráfica, a eliminação dos sinais de pontuação, o uso dos emojis, as marcas da oralidade na escrita, as abreviações foram verificadas tanto no primeiro diálogo quanto no segundo. Reforçamos que essas características, encontradas nos fragmentos dos diálogos, mostram que o internetês é utilizado com bastante frequência entre os adolescentes.

Em relação aos diálogos entre a professora e a estagiária, observamos que os resultados das duas análises dos fragmentos das conversas entre elas ocorreram com particularidades, visto que no primeiro diálogo a professora não utilizou habitualmente a função dos emojis e que no segundo há uma predominância da informalidade. Outro aspecto que especulamos nas escrituras da professora e da estagiária foi que ambas empregam abundantemente os sinais de pontuação e também a acentuação gráfica na maioria das conversas. Além disso, é possível perceber que elas abreviam constantemente as palavras, mas somente a estagiária acrescentou consoante para reforçar o sentido do texto escrito.

Reforçamos também que os diálogos esmiuçados entre a professora e a estagiária também nos surpreenderam, visto que esperávamos que a docente somente utilizasse a linguagem formal devido ao fato de não ter nascido na época digital, no entanto a segunda conversação mostrou exatamente o oposto, isto é, a professora também utilizou a linguagem informal e o internetês. Isto nos faz inferir que o internetês não é uma linguagem exclusiva dos adolescentes, pois também é operada por pessoas que não nasceram na era digital. Assim sendo,

o internetês se disseminou nos textos escritos dos meios digitais, ou seja, é a linguagem que tem predominado e que se espalha em alta velocidade.

## REFERÊNCIAS

DUTRA, V. L. R.; SIMÕES, D. **Produção escrita na escola básica: contribuição da internet.** Estudo sobre língua e linguagem na EAD. In. MATOS, D. P. de. (org). 2.ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014. Coleção Todas as Letras.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e Escrever:** estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

KOMESU, F.; TENAN, L. **Considerações sobre o Conceito de “Internetês” nos Estudos da Linguagem.** Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/ld/v9n3/10.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ld/v9n3/10.pdf)>. Acesso em: 15 jan. 2018.

MAGNABOSCO, G. G. **Hipertexto e gêneros digitais: modificações no ler e escrever?** 2009. Disponível em: <[www.ucs.br/etc/revistas/index.php/%20conjectura/article/viewFile/14/13](http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/%20conjectura/article/viewFile/14/13)>. Acesso em: 21 jan. 2018.

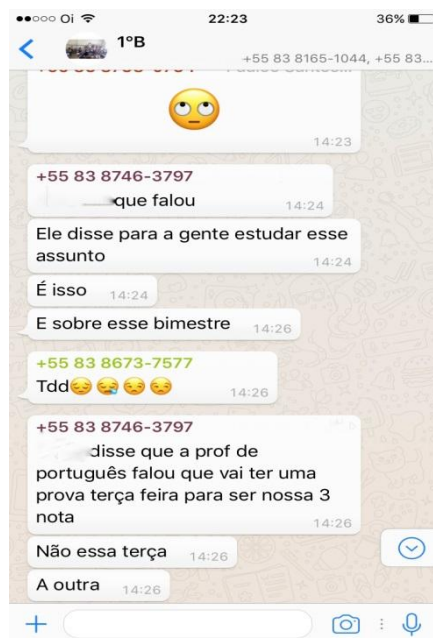
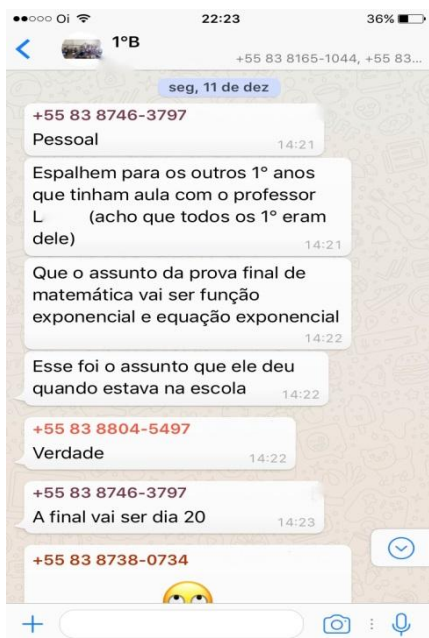
MARCUSCHI, L. A. **Da fala para escrita:** atividades de retextualização. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.

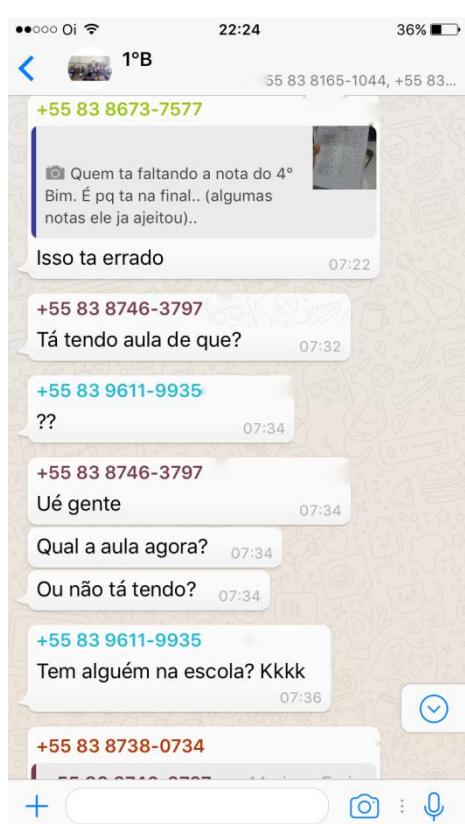
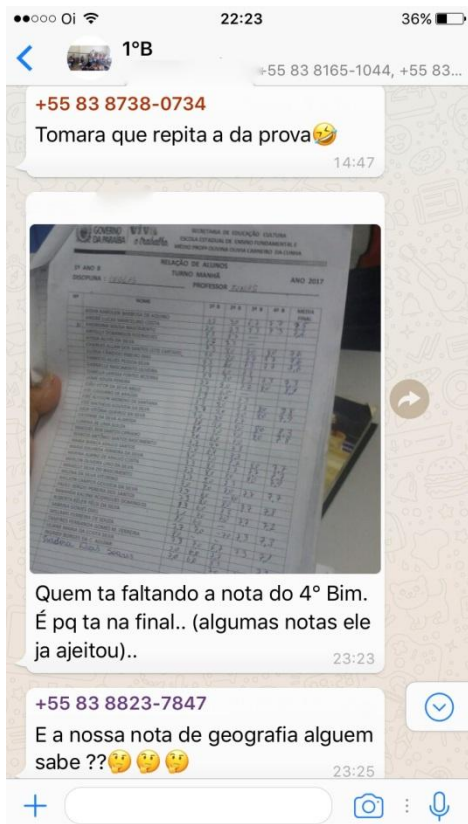
REIS, B. S. S. dos. **“Você tem WhatsApp?” Um estudo sobre a apropriação do aplicativo de celular por jovens universitários de Brasília.** Trabalho de Conclusão de Curso. Distrito Federal: Universidade de Brasília/DF, 2013.

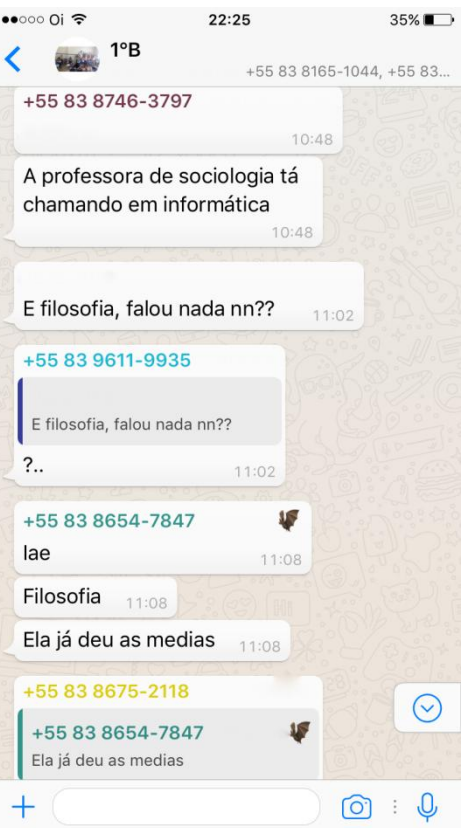
## ANEXOS

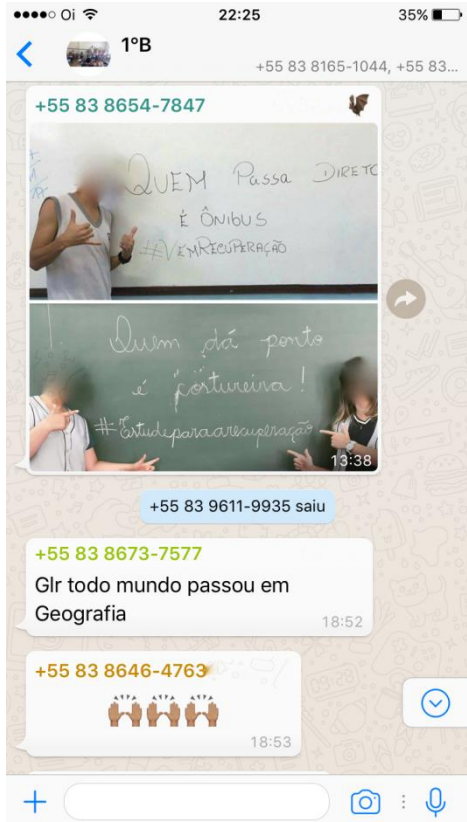
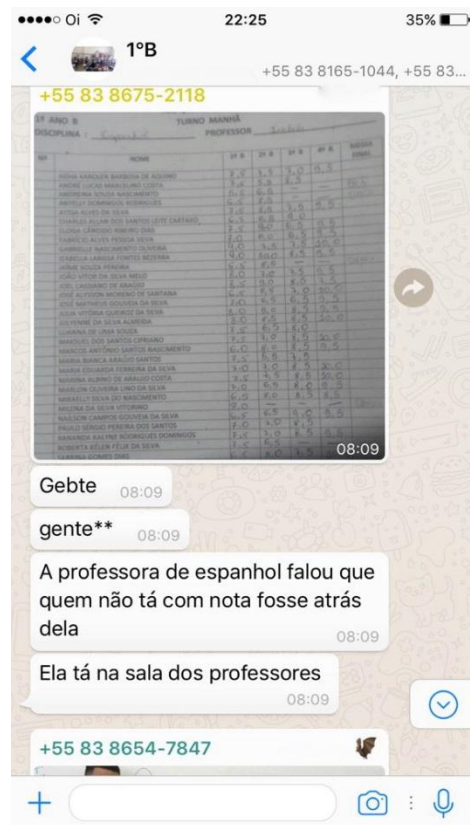
## ANEXO I



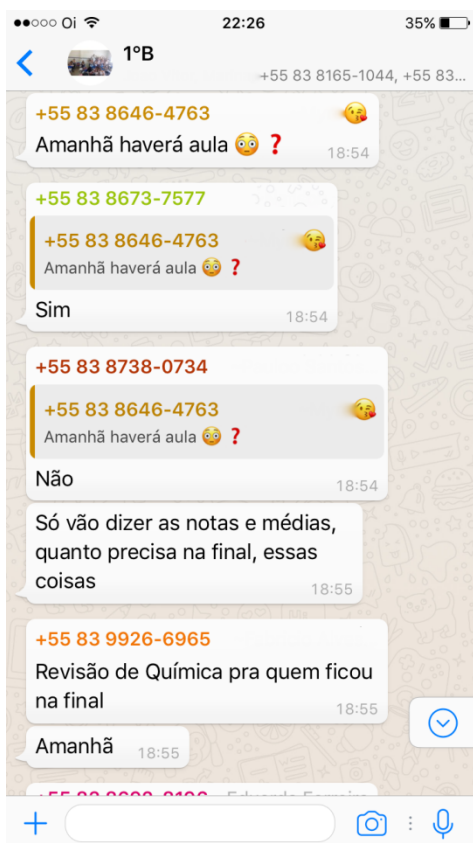


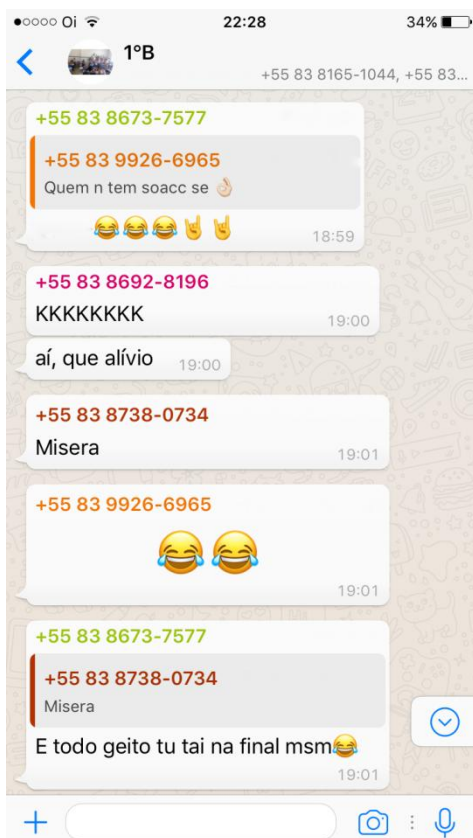
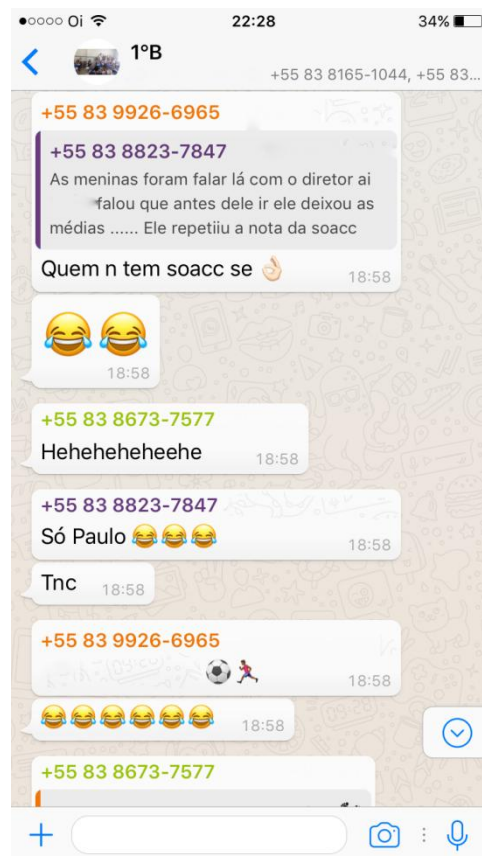
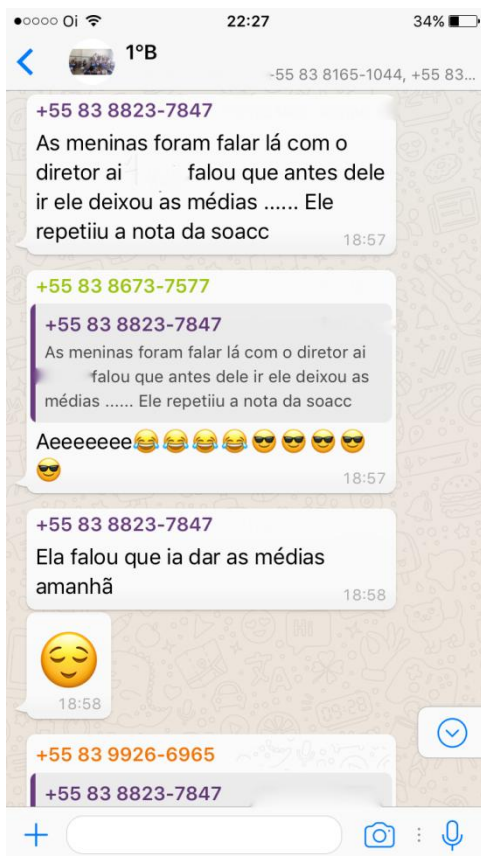








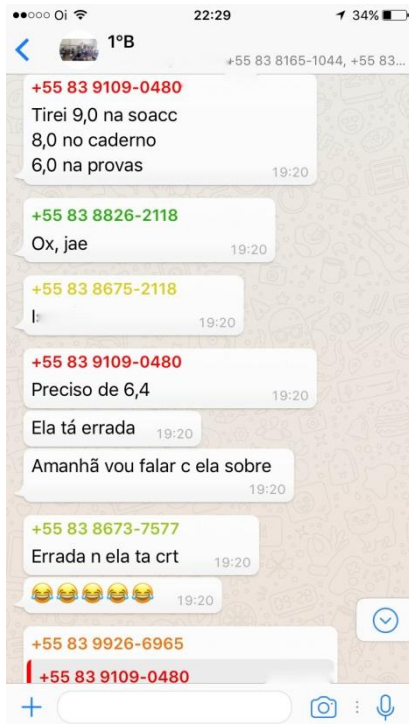




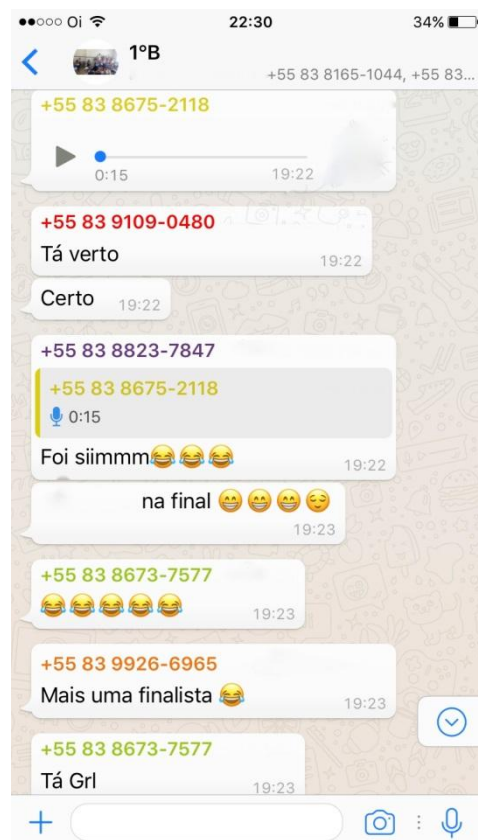
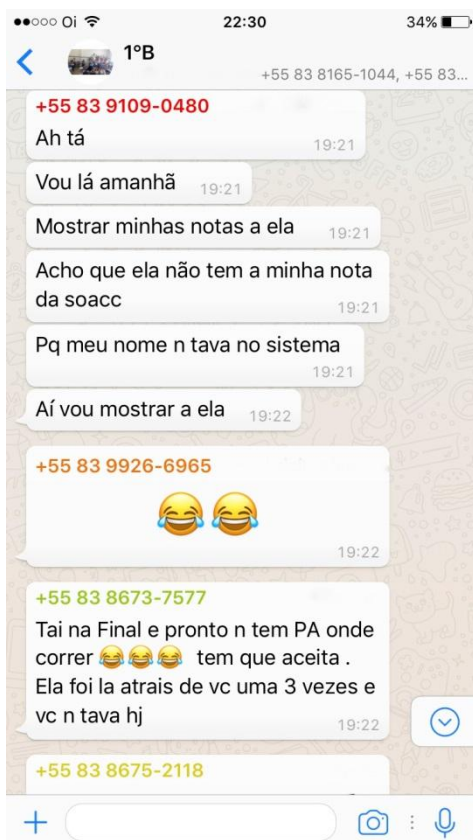


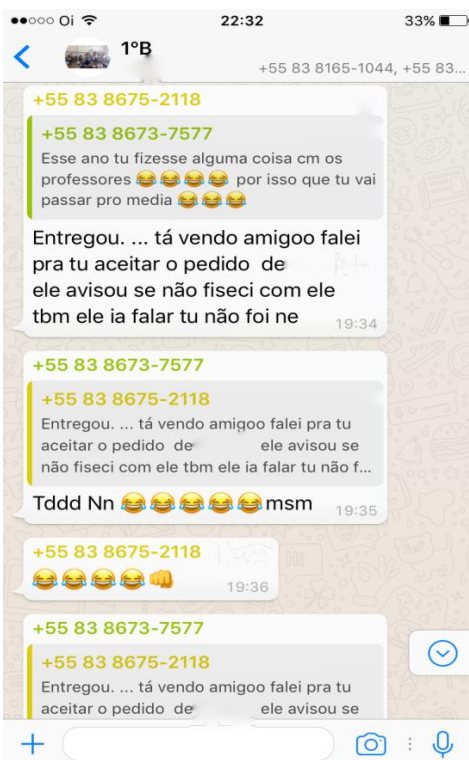
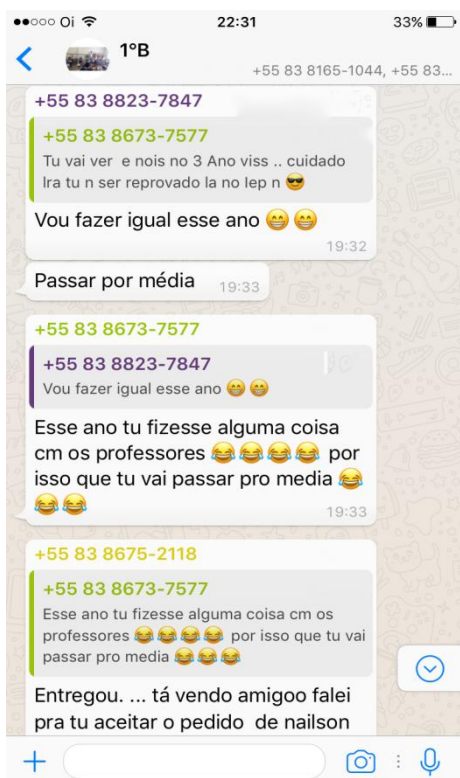


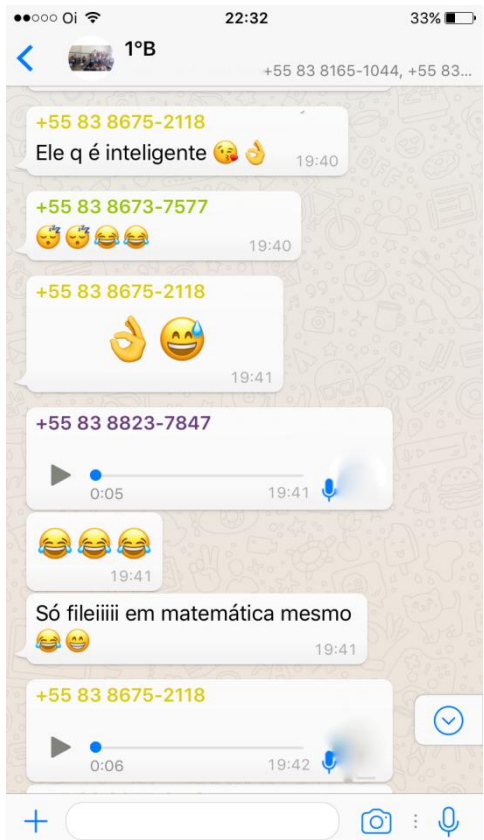
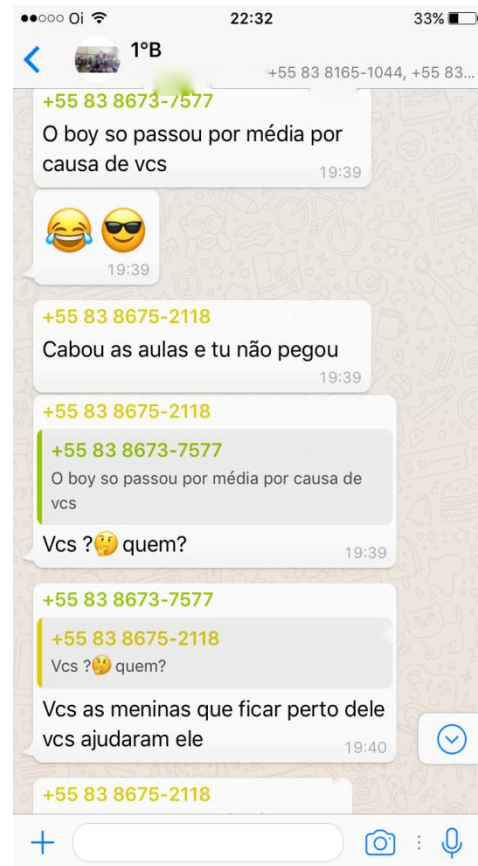
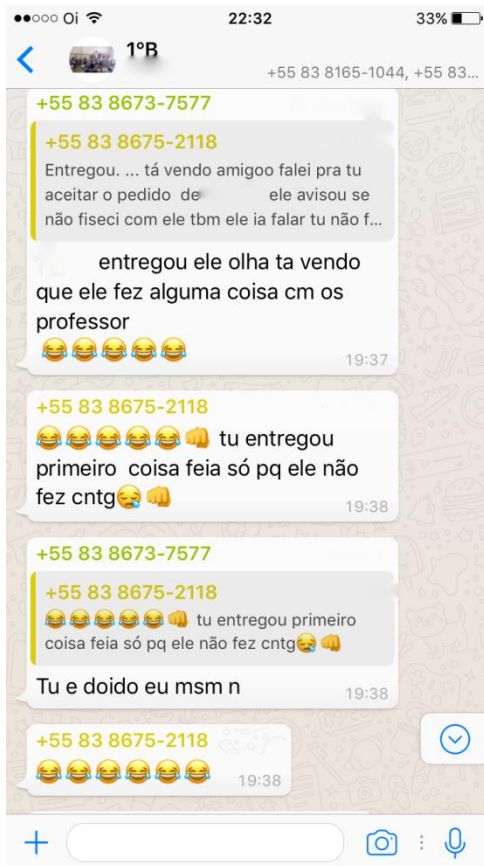




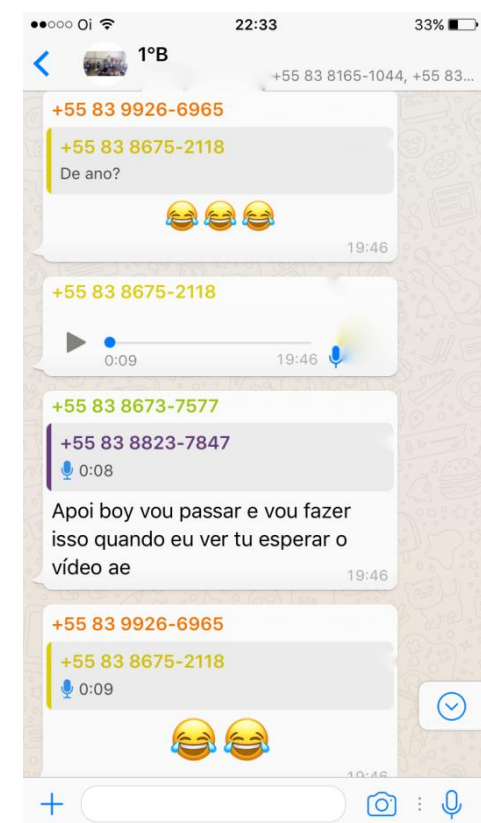
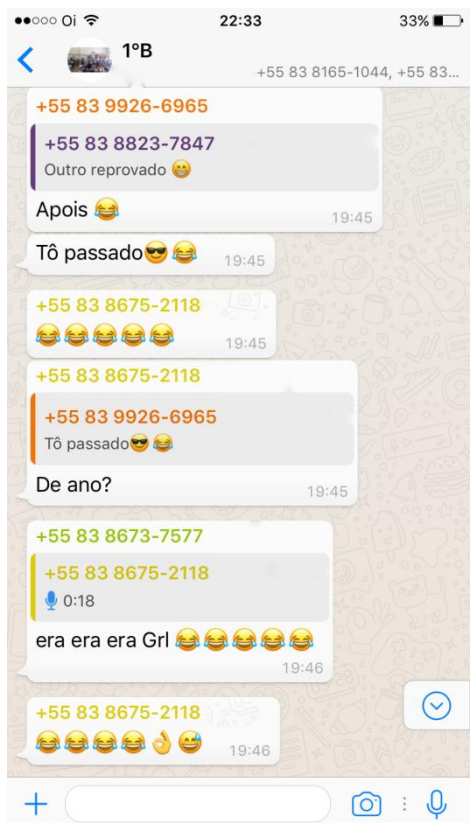


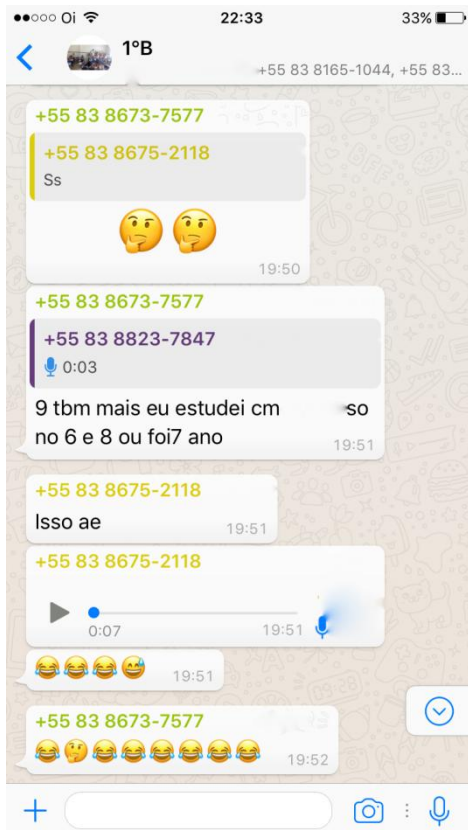
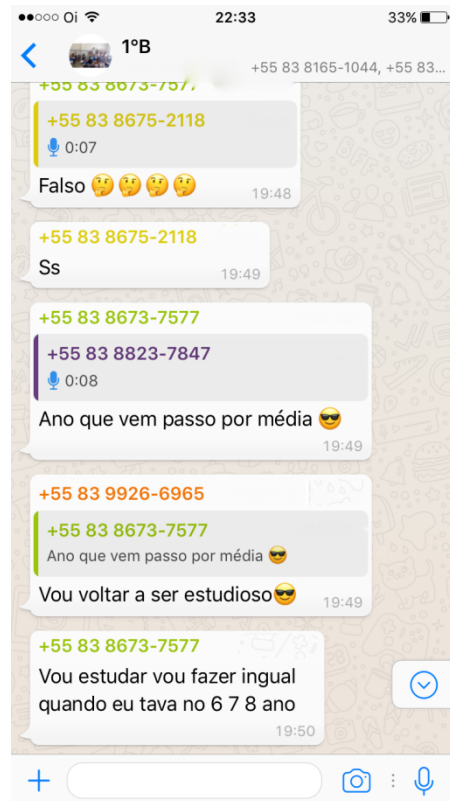


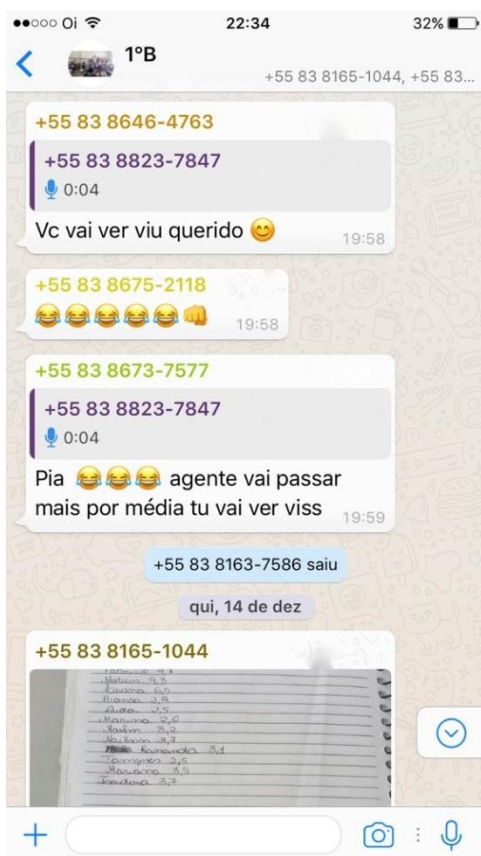




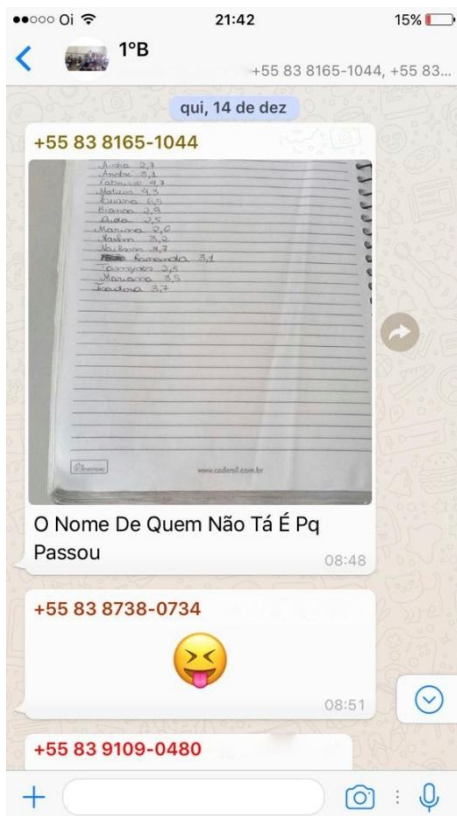


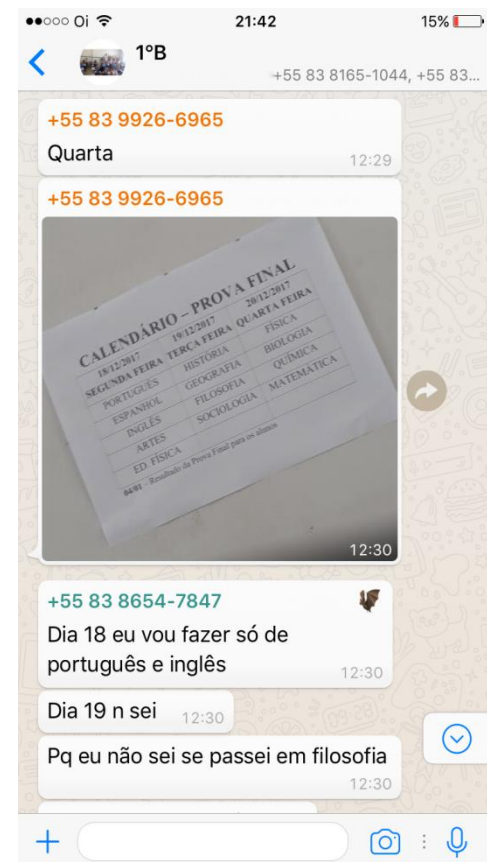
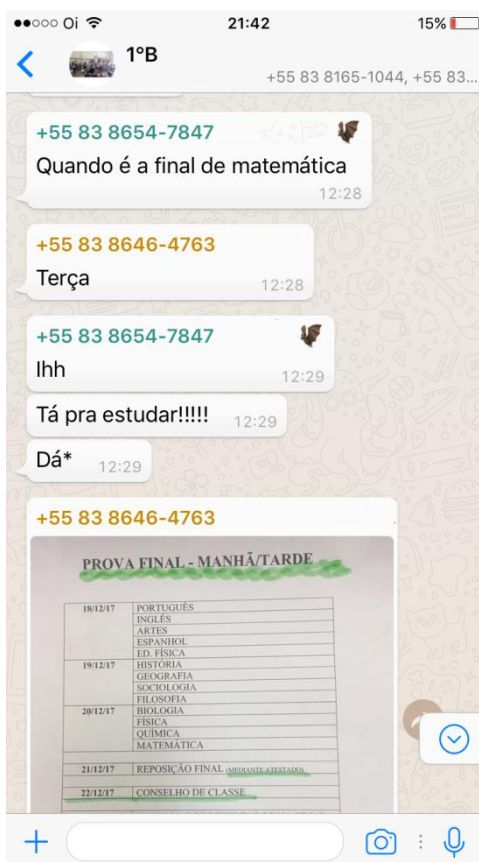
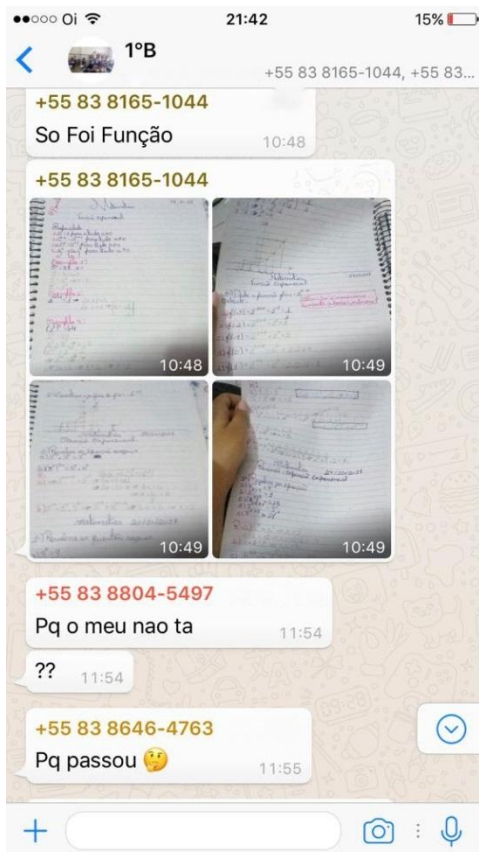




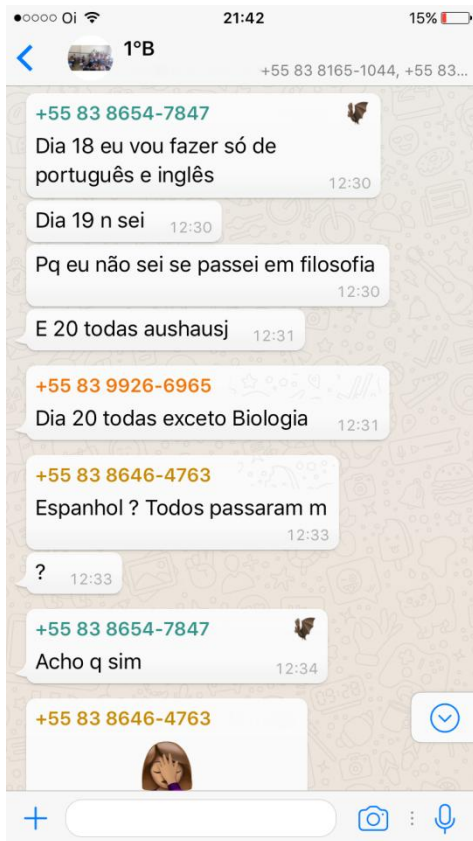


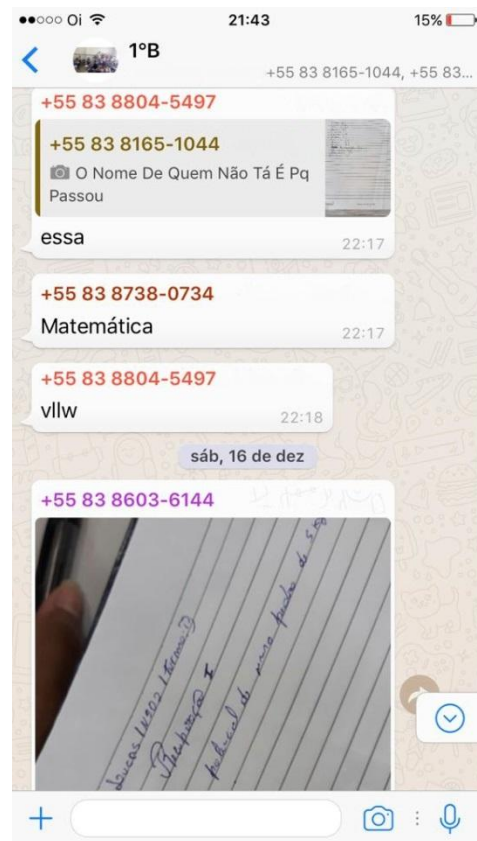
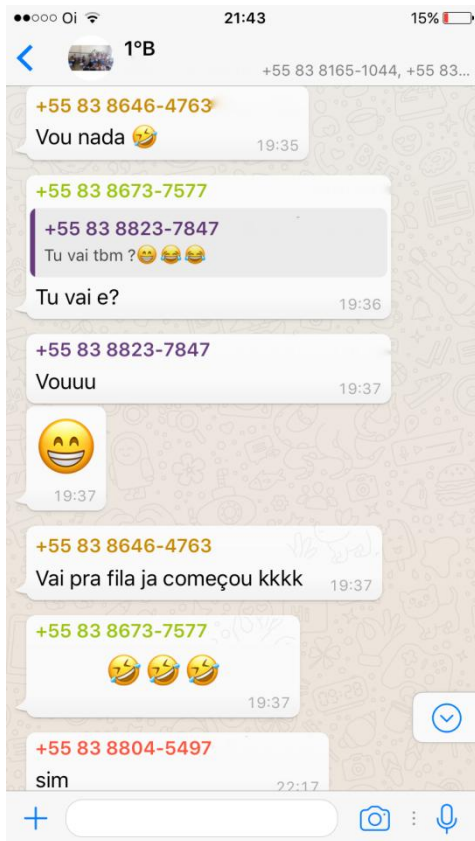


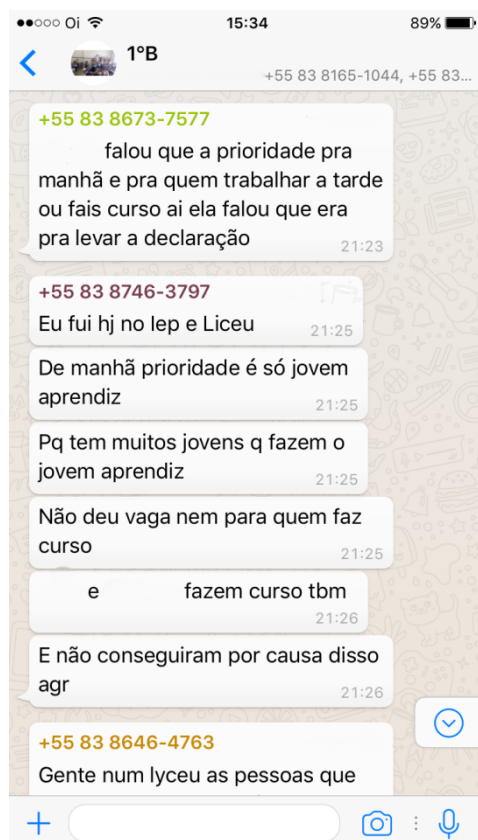
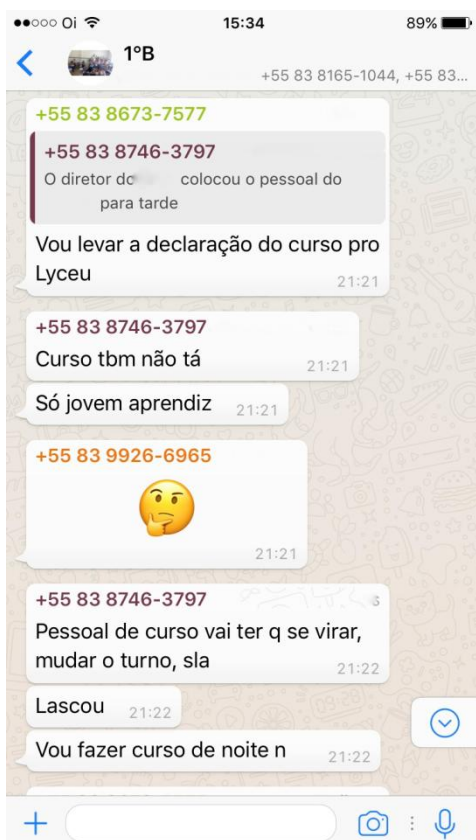
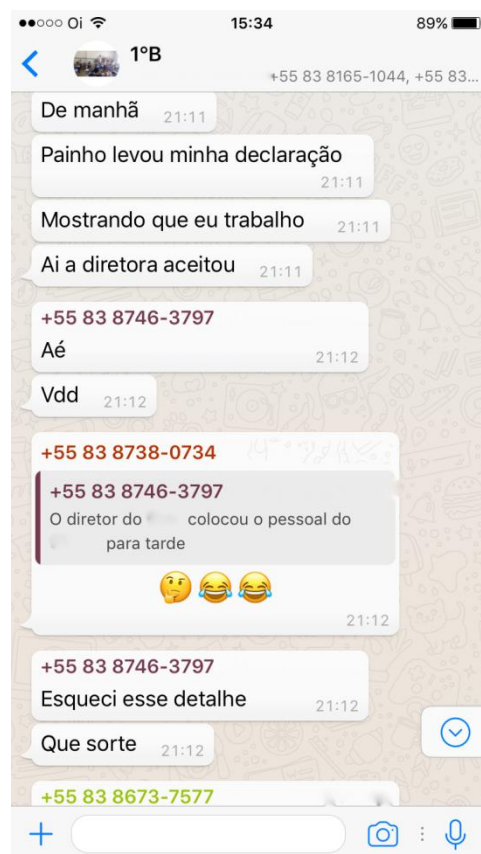




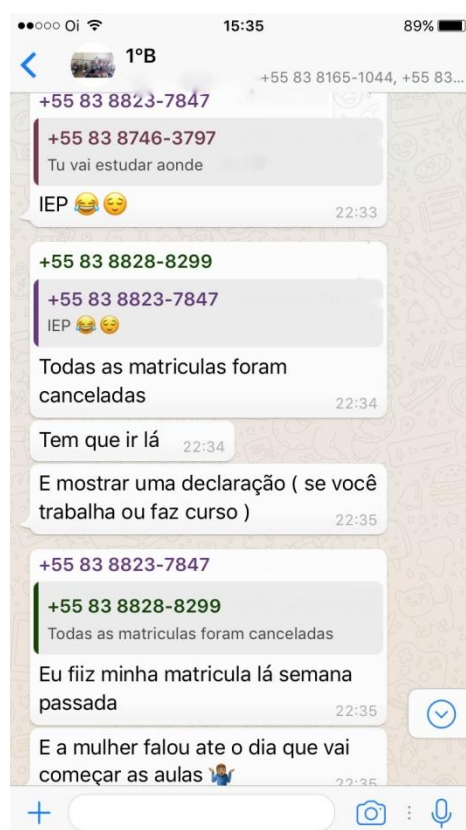
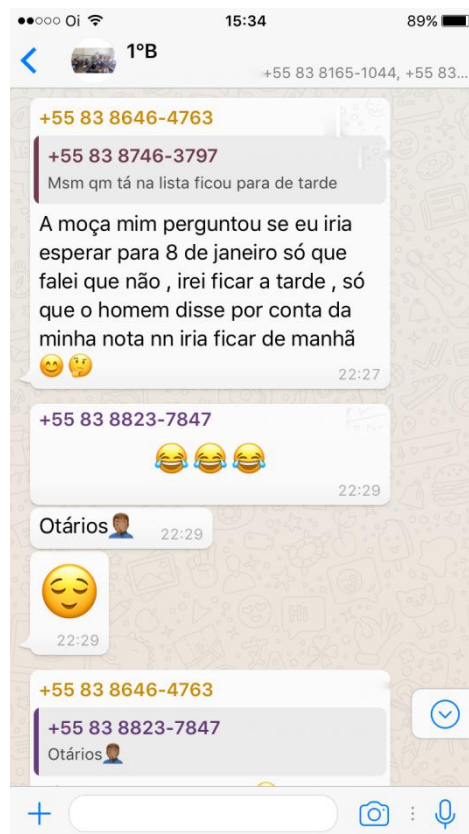
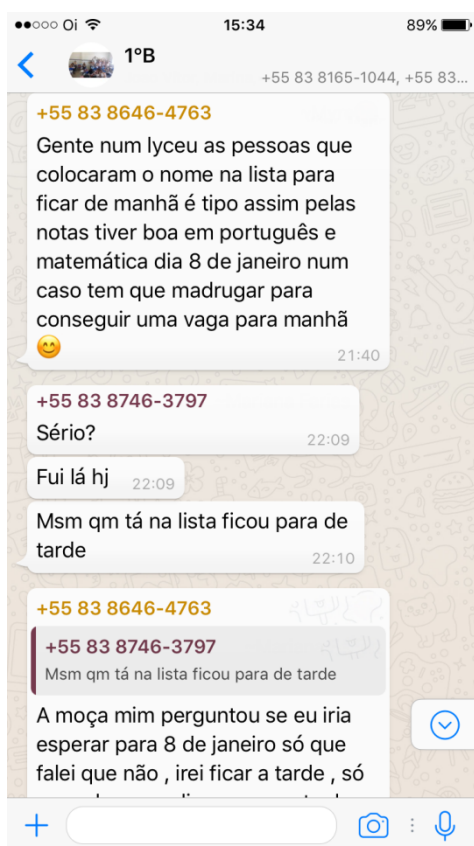


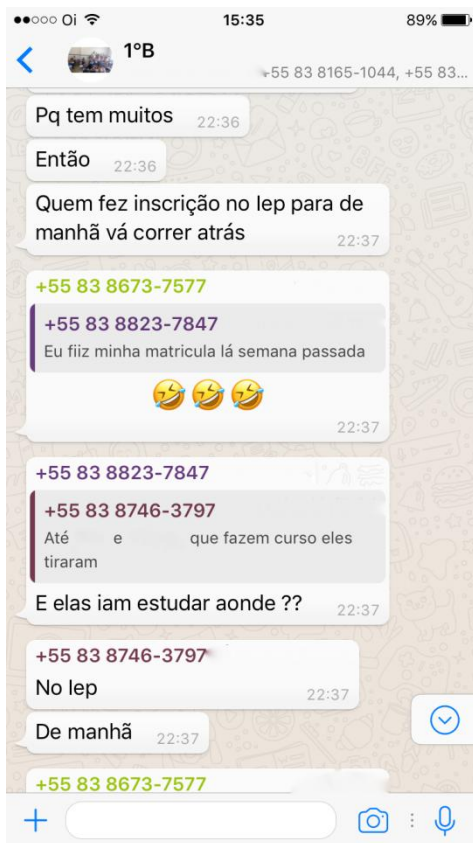
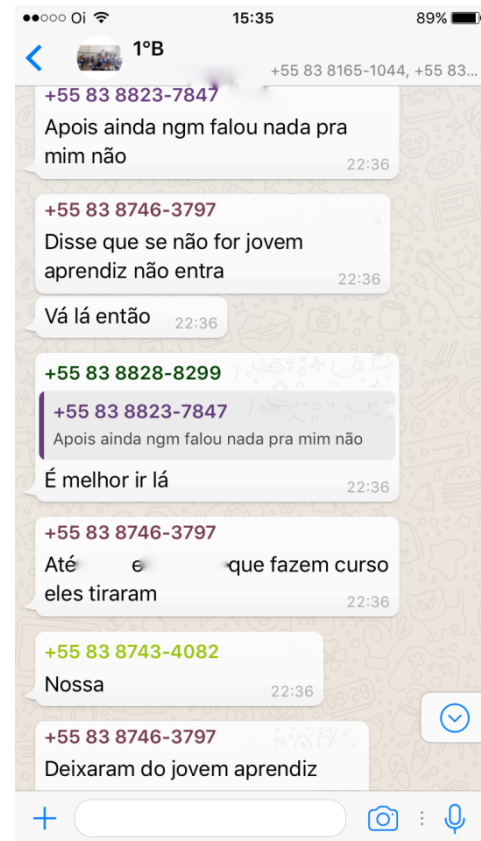


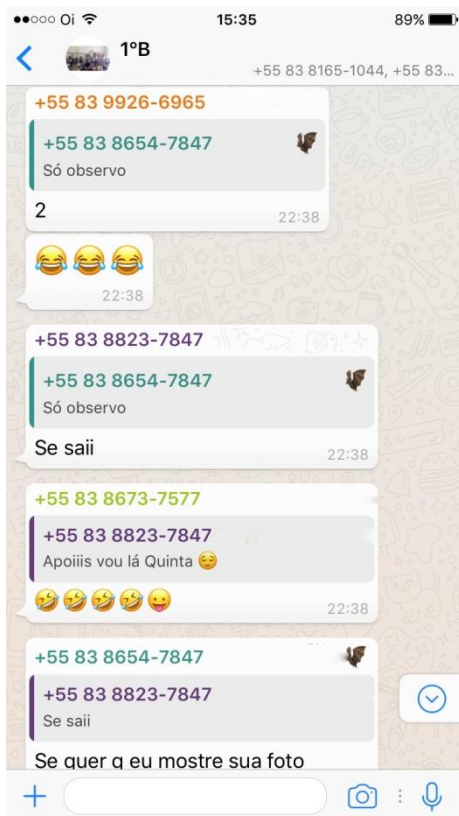






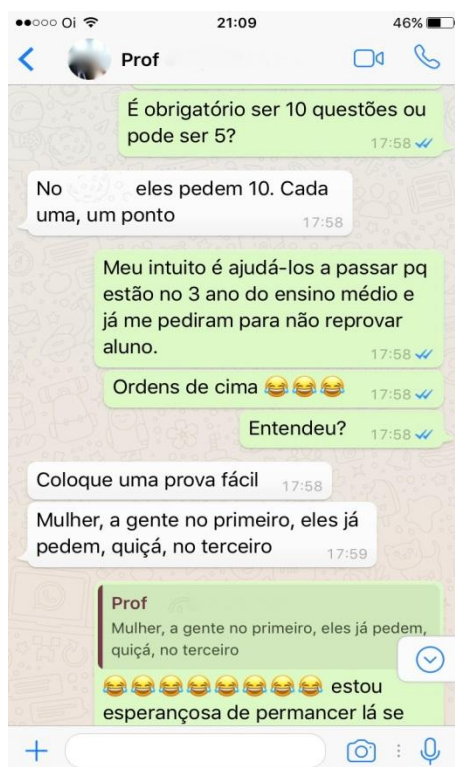
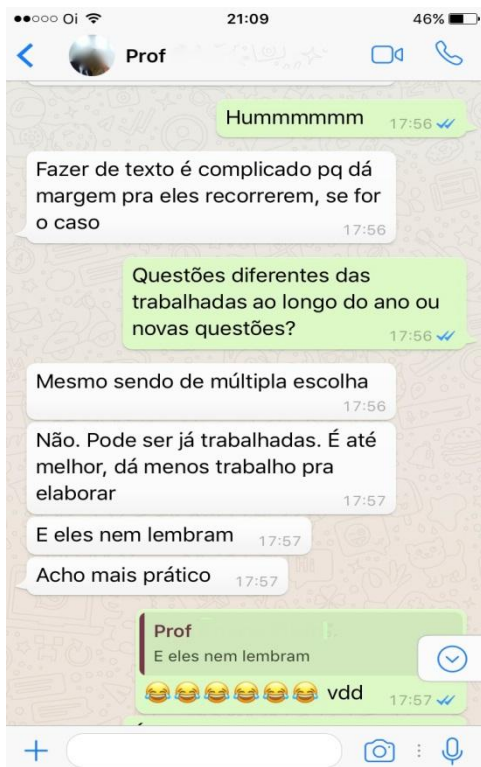
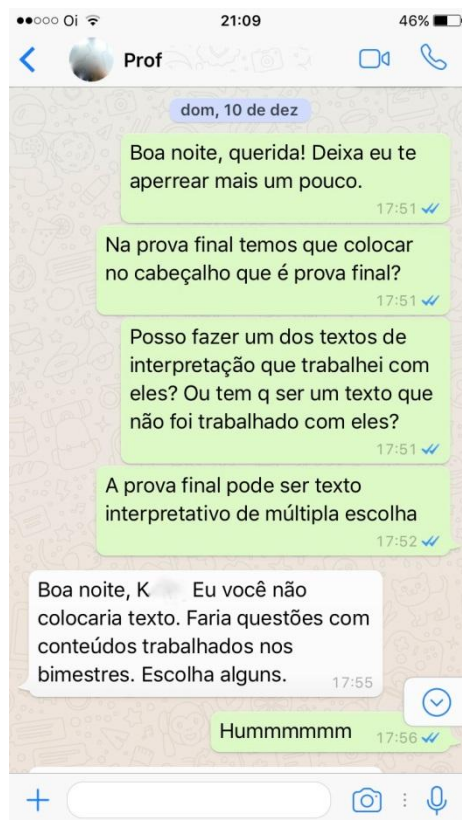


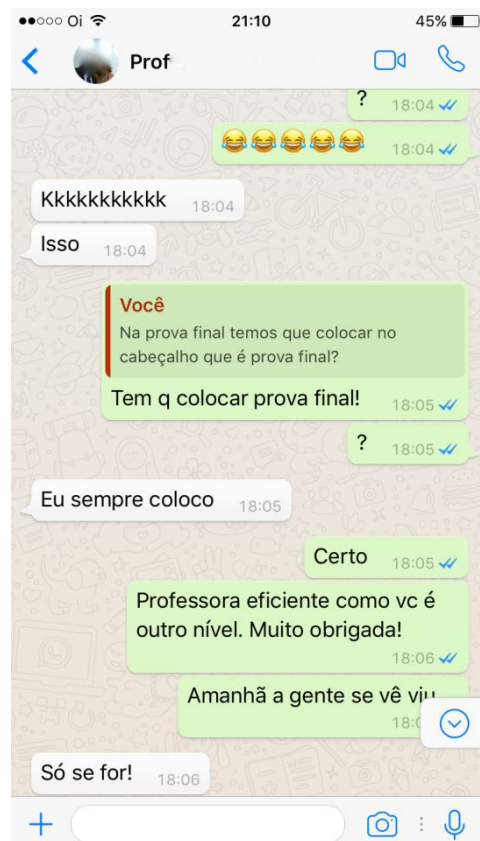
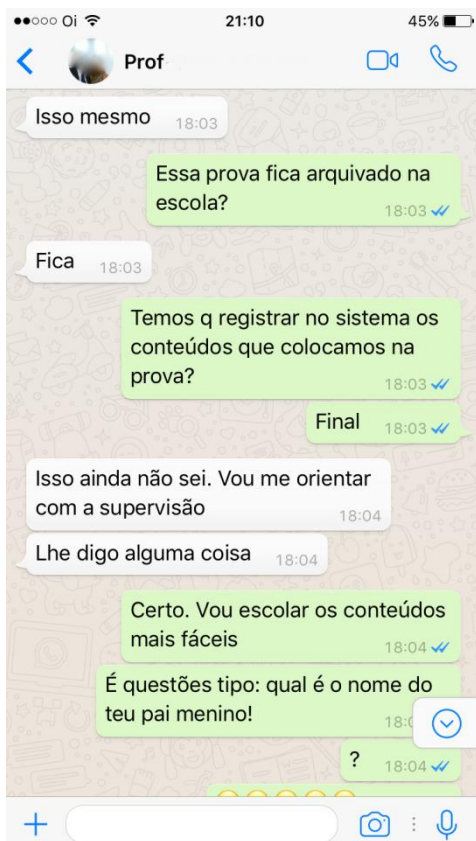
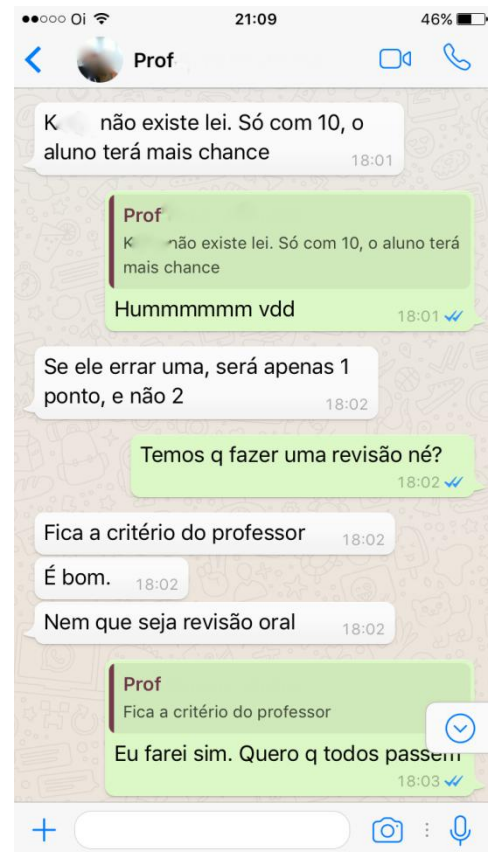
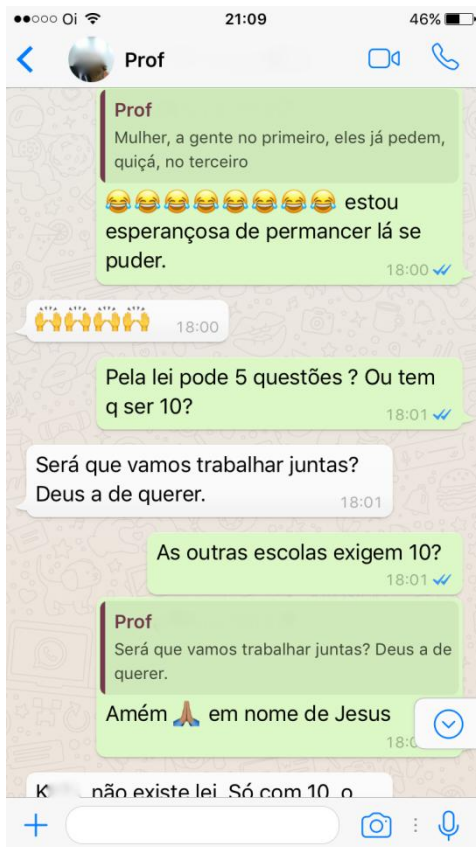




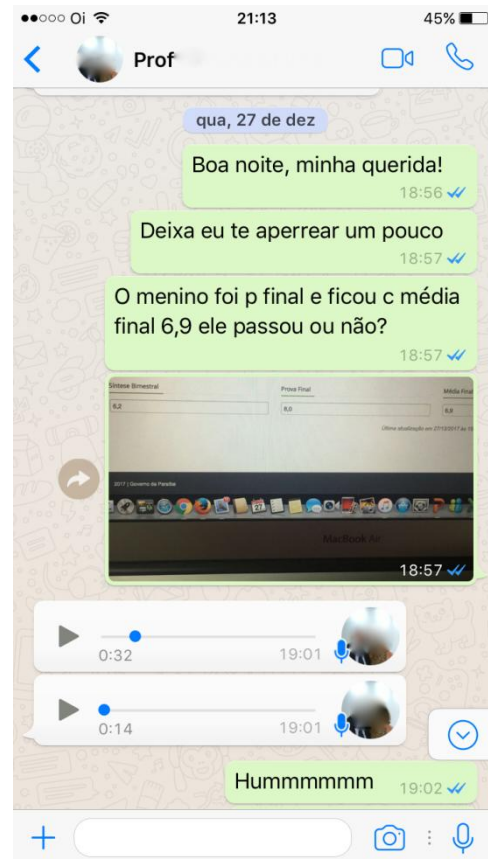


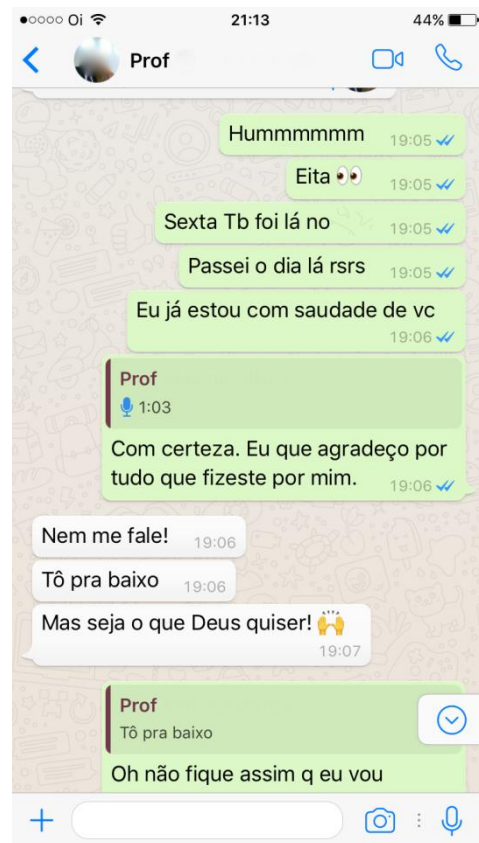
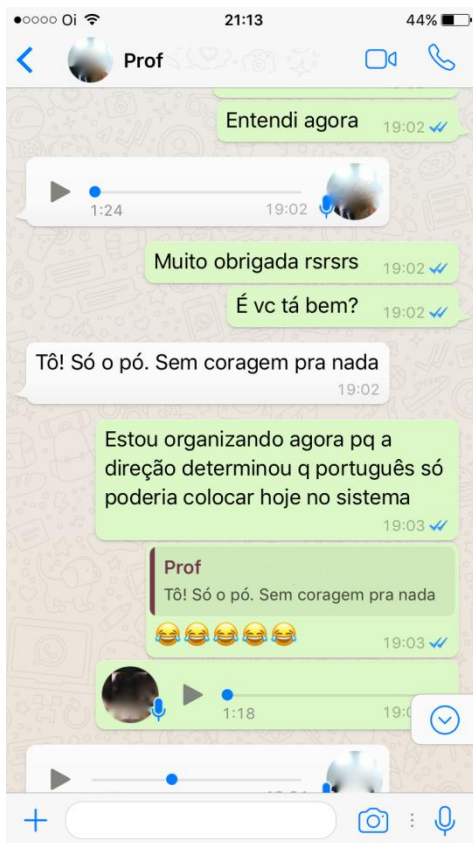
## ANEXO II











## ANEXO III

